

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XXIII XII/IX Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXIII

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: :gmr:, Aires Ferreira, Charles Sangnoir, David Soares, Devis, Fátima Vale, Flávio Gonçalves, José Pedro, José Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luís Couto, Melusine de Mattos, Mónica Sousa, Naive, Paulo César, Paulo Sequeira

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Pág.1: King Chaos

Pág.3: Pirate Gal 9

Pág.4: Farkasfiu – farkasfiu.deviantart.com

Pág.6: dichter4fun – dichter4fun.deviantart.com

Pág.7: Nesten – nesten.deviantart.com

Pág.9: Jenna R. – visualjenna.deviantart.com

Pág.10: thechaosofpeace – thechaosofpeace.deviantart.com

Pág.11: kittomer – kittomer.deviantart.com

Pág.12: Travis Randall Williams – platinus.deviantart.com

Pág.13: ness – nessie-x.deviantart.com

Pág.14: Sílvia – sivel12001.deviantart.com

Pág.15: Luke Flegg – fireandfeathers.deviantart.com

Pág.16: Mya – flightlessbirdxo.deviantart.com

Pág.17: David Q Tran – conteart.deviantart.com

Pág.18, 19: Chaotic Muffin – chaotic-muffin.deviantart.com

Pág.20: Vanessa Bettencourt

Pág.21: Ophelias – ophelias-overdose.deviantart.com

Pág.22, 23: Ekoin – ekoin.deviantart.com

Pág.24: Federico Beber – eikoveb.deviantart.com

Pág.25: Antti Saarainen – doggery.deviantart.com

Pág.26: Rebecca Catherine – mutepablo.deviantart.com

Pág.27: MaryaS – maryas.deviantart.com

Pág.28: Amanda Christine Music – wodbhithsamanda.deviantart.com

Pág.29: Nicolai Strom – darkviking.deviantart.com

Pág.30: Andrew Ross Fritts – dungeonsdeep.deviantart.com

Pág.36: Carlos Valenzuela – valzonline.deviantart.com

Pág.37: Helen – kkassulaav.deviantart.com

Pág.38: Mpalanta – mpalanta.deviantart.com

Pág.39: Paul – deopek.deviantart.com

Pág.40: Dragonic Wolf

Pág.41: Chryssalis – chryssalis.deviantart.com

Pág.42: Hermin Abramovitch – ahermin.deviantart.com

Pág.43: Efialt – efialt.deviantart.com

Pág.44: WildRainOfficeAndFire – willdrainofficeandfire.deviantart.com

Pág.45: dougfDoug – dougfDoug.deviantart.com

Pág.46: Rengim Mutevellioglu – emil.deviantart.com

Pág.48: humminggirl – humminggirl.deviantart.com

Pág.50: Moonie – xxxmoonie.deviantart.com

Pág.51: HippyKitty – hippykitty.deviantart.com

Pág.52: passionsintensity – passionsintensity.deviantart.com

Pág.54: Janorien – janorien.deviantart.com

Pág.55: Erika – suvetar.deviantart.com

Pág.57: Emma Burchell – emmm25.deviantart.com



Editorial

Lurker

Está frio lá fora. O vento uiva o desespero de quem por lá tem que navegar, enquanto o crepitar da lareira nos relembra que os pequenos prazeres são normalmente os mais reconfortantes. Parece que o Inverno veio para chegar, e com ele chega-nos também mais uma edição da Infernus. Neste caso a 23ª, que perfaz um número bonito de uma revista que começou também como um pequeno prazer, mas que cresceu até ser o que é hoje.

E o que é a Infernus hoje? Por vezes coloco-me esta questão, e uma análise nem que breve e superficial à lista de nomes que adornam a equipa por detrás desta edição ajuda a dissipar qualquer dúvida que possa existir. A Infernus é o resultado do trabalho árduo, mas prazenteiro, de um conjunto extraordinário de indivíduos. Pessoas que no decurso da sua vida encontram uns momentos de pausa que nos cedem com prazer, para nosso deleite mútuo, para logo a seguir retomarem o caminho que decidiram trilhar. Palavras que nos deixam e que não de perdurar muito para lá do pensamento que lhes deu origem, inscritas não na pedra porque a opinião é mutável, mas na nobreza do papel – ou, neste caso, no expedito digital. Mas chegará a sua vez de cunharem papel, que foi para isso que foram criadas.

Esta edição da Infernus acaba por ser um reflexo desta caminhada de já vários anos. Como uma bela rosa, a sua suave e inebriante fragrância vem

acompanhada de espinhos afiados, e os incautos acabaram com dedos doridos e nenhum prazer. Mas para quem a souber manobrar com mestria, encerra na sua complexidade pura um manancial de deleites ao alcance daqueles que os souberem aproveitar. E se estais aí desse lado, fazem parte desse lote de eleitos, certamente.

Desta feita, mudamos as regras do jogo. Também é saudável, de vez em quando. Uma edição totalmente dedicada ao Inverno, descrito como é experienciado e vivido pela nossa equipa editorial e pelo alargado leque de convidados que temos ao nosso lado desta feita. Infelizmente nem todos puderam responder à chamada, mas ficarão certamente para uma próxima edição. É a Infernus mais participada de sempre, e esperemos que seja também a mais lida – seria uma boa forma de acabar mais um ano de publicação regular.

Numa edição como esta, difícil é saber por onde começar. Há quem prefira levar tudo a direito, há quem prefira saltar de autor para autor, há quem seja mais seletivo. Para todos haverá certamente algo do seu agrado, para vos acompanhar nestas longas noites Invernais, até que o triunfo da luz inicie o seu percurso ascendente rumo a tempos mais amenos. E se nada vos agradar, têm bom remédio – caneta em punho e façam-nos chegar a vossa voz!

Vemo-nos na Primavera, no raiar de um novo ano. Até lá, boas leituras! •

ÍNDICE

Inverno Trono Inverno ----- 4

Aires Ferreira

Memorial do Esquecimento ----- 7

BM Resende

O Sublime

Conforto do Desconhecido ----- 11

Charles Sangnoir

Monstros ao Nascer do Sol ----- 13

David Soares

Se um viajante numa noite de inverno ----- 15

Devis DeV deviLs Granziera

Pareidolia Gigantea ----- 18

Fátima Vale

Uma Orquestra (quase) natalícia --- 20

Flávio Gonçalves

O Inverno Faustiano ----- 22

Pedro C. Pontes

Selecionado e Exumado ----- 26

José Macedo Silva

Moon's Milk ----- 29

Júlio Mendes Rodrigo

First Utterance ----- 36

Comus

O Inverno em Mim ----- 38

Lupum

O Inverno n'O Castelo ----- 41

Melusine de Mattos

Esperanças Brancas ----- 44

Mónica Sousa

A história da Anna ----- 46

Mosath

Felizes para Sempre ----- 52

Naive

O inverno como Nigredo ----- 54

.:gmr.:.





Inverno Trono Inverno

Aires Ferreira



ou como a dualidade das coisas é usada para fazer de ti um escravo...

“Aço pagão, nas nossas mãos”, já dizia o meu caríssimo Belathauzer. Dizia-o porque acreditava - assim como eu uns anos mais tarde - que a eliminação das religiões em prol de uma recuperação dos ancestrais louvores à Natureza só poderia trazer benefícios à raça humana. Ou porque estava bêbado, não sei que nunca lhe perguntei.

Em todo o caso, assistimos lentamente à ida pelo cano das igrejas e das religiões pelo mundo fora, logo poderemos estar descansados, certo? Não.

Nem depois do pós-iluminismo, nem com os - felizmente - crescentes movimentos de anticlericalismo, nem mesmo com o galopante avançar da ciência a coisa melhora realmente. “In God we Trust” na principal moeda do mundo, a insistente insistência de introduzir coisas tão idiotas (quer seja para os que acreditam como para os outros) como “OMG!” ou “Jesus Fucking Christ”. Está por todo o lado, mesmo nos estados laicos onde jamais se ganhariam eleições se não nos declarássemos grandes fãs da Fatinha e dos seus delírios anti-ex-união-soviética.

Porque insiste a consciência global na religião, ou pior dizendo, nos animais que a usam como método de lavagem cerebral e/ou forma de poder?

Porque à semelhança das estações, da temperatura, da malvada da matéria, tudo tem um oposto. E é então necessário que exista gente burra e gente inteligente, pois caso contrário, não saberíamos distinguir Verão de Inverno, quente de frio, a minha pessoa da Alexandra Solnado, etc.

Eu gosto muito pouco de frio. Mas percebo-lhe a necessidade, já que a natureza - e quase tudo o resto, creio - vive de um só principal princípio: o equilíbrio. Desagrada-me sim ter Invernos mais longos e frios pela falta de equilíbrio do crescimento civilizacional (que só o é de nome, nos últimos séculos). Vim agora de um shopping cheio de animais (não vi lá um ser-humano digno desse nome, que me lembre) e não me recordo de lhes ver preocupação sobre o quanto a viagem que tinham feito ali com a mulher de-

masiado gorda e os filhos demasiado estúpidos teria custado ao planeta. “Ai que exagero, Aires!”

Imaginemos então, sem exageros, o seguinte cenário: Dia de Inverno, frio como o caraças. Não ter que levantar cedo, nem ter que levar o puto à escola, nem ter que ir trabalhar fora de casa. Isto porque os pais teria formação mais do que suficiente para ensinar esse mesmo conhecimento ao seu petiz e nenhum estado obrigaria alguém a meter o seu filho num sistema de ensino que só serve para emburrecer ainda mais a população.

Nem se teria de ir enfrentar trânsito, e filas, e pessoas que cheiram mal no geral, e putos chateados por serem ir apanhar uma bebedeira para esquecer as horas de atendimento ao balcão e que ainda têm mais três horas de part-time mal pago a cumprir. Não seria melhor?

Creio que a dualidade de tudo pode ser (e é) utilizada ao infinito numa teia que não deixa avançar. A título de exemplo: há padres, que no Inverno, violam crianças. Há outros padres, que no Inverno, vão tentar combater a fome em África. Ora, isto é ouro para quem perceber um mínimo de retórica.

É tão mais fácil dizer que nesta noite fria de Natal a associação X deu um manto e uma tigelinha de sopa ao sem-abrigo, do que explicar aos animais que os sem-abrigo existem porque a sociedade, para ter outros animais indecentemente ricos, precisa na mesma medida dos recursos por si gastos em sem-abrigos, toxico-depentes e gente pobre no geral. Parece-te equilibrado? 99% vs 1%?

“Ai pronto, lá vem mais um Marxista”. E, tu és chupista ao ponto de nunca ter lido uma frase da criatura, que apesar de burro, fez com que tenhas hoje os subsídios que - certamente - não terás amanhã. É essa limitação de escolha que me chateia. A natureza pode, e mesmo assim facilita-nos a vida com quatro estações, agora nós não deveríamos ficar restringidos ao “és comuna, és facho”. Deveríamos sim, e de vez, acabar com líderes. Há quem o seja bem pela responsabilização de cada indivíduo - o editor desta revista, a título de bom exemplo - e há quem seja péssimo - Pinto Balsemão, dono dos media em Portugal, regular no Bildenberg, homofóbico profundo e um gajo horrível no geral. Mas precisa-

rá o jornalista do seu editor-chefe, que responde às ordens do embalsa-me a mão, para escrever aquilo que pensa? Eu cá acho que não.

Da mesma forma que eu jamais pagaria a um tipo para ele me multar caso eu circulasse a mais do que a velocidade permitida mas se sabemos que a mais de 50 quilómetros horários dentro de uma cidade podemos magoar alguém ou a nós mesmos, basta não o fazer e perceber porquê.

As leis (que só a Natureza as tem, digam o que disserem) são meras formas de incompetência governativa. Uma lei é algo a que não podes fugir (por exemplo, no Inverno faz frio. Ou usas roupa, ou apanhas uma constipação que te lixas). A nossa actual percepção de leis baseia-se no que é proibido e no que não o é. Eu cá acho que deveria ser proibida a religião por tudo aquilo que enumerei em cima. Infelizmente para mim, sou uma minoria e por mais que ache que a religião e a política são crimes mais hediondos que o homicídio, tenho que não ofender ninguém porque a minha liberdade acaba onde a tua começa. Às onze e no farol, criatura. A tua liberdade só começaria e acabaria se soubesses sequer o que significa ser livre.

“Ai mas eu sou muito muito livre, por isso é que leio a Infernus”. Claro que sim, e para a leres precisas de um computador que pelas leis do mercado livre tem que ser produzidos a custos muito mais baixos, explorando seres humanos confinados a salas impermeabilizadas para te construírem chips como se não houvesse amanhã antes que outra marca que também fabrica computadores o possa fazer por preço mais baixo e de preferência com mais um extra ou outro que nem precisas mas que faz com que mudes de / desperdices equipamentos de doze em doze meses.

E evidentemente, caso queiras que o computador funcione, terás de ter luz fornecida por uma só empresa privada que desconhece completamente a geotermia e fica-se por queimar carvão para produzir 24,9 % a energia consumida em Portugal..

Ah, claro, e como não convém que utilizes, nestes dias de Inverno, o computador à chuva e ao frio, convém teres casa, que depois de paga por inteiro continua a ser propriedade do estado (ver regras das finanças de Portugal sobre os diversos impostos para quem



tem casa própria) ou o mais provável, que é agora seres refém de um qualquer banqueiro que sabe dizer muitas siglas em Inglês e que nem sequer percebe que tem uma das profissões mais asquerosas deste mundo.

E para que saibas ler os estranhos caracteres, alguém te ensinou a ler através de livros pagos a empresas, assim como propinas caso “queiras-ser-alguém”. Uma liberdade que não acaba, não haja dúvidas.

“Tens razão Aires, vou levar umas cacetadas no lombo na próxima manif porque quis subir as escadas de um edifício pago pelos meus avós e pais em impostos e mudar isto tudo de vez”.

Isso tem o mesmo efeito que os gajos que não evoluíram (ao contrário do supracitado Belathauzer que é agora uma espécie de Anarquista Filosófico, e mais lhe deviam seguir o exemplo) e continuam a espalhar o ódio contra igreja católica. E mesmo os que lhes vão chegando o fogo, acabam mais depressa numa prisão a experimentar sexo anal do que a mudar alguma coisa, até porque nas notícias jamais irá aparecer “jovem queimou igreja porque a mesma continuava a contribuição de emburrecimento daquela

vila” mas antes “Jovem perturbado, e satânico, vandaliza igreja”. Dualidade, meu amor, dualidade.

Atenta, que se queres mandar um tiro ou chegar o fogo a qualquer coisa que celebre o poder e a diferença inexistente entre seres-humanos, sou o teu primeiro fã no facebook! Nada melhor que um pedaço d’aço para fazer os animais andar para a frente (fodam-se todos, foi assim que chegamos onde estamos, a dar vergastadas em animais para nos carregarem o progresso ao lombo, ou achas que ainda tens a palavra “cavalos” no teu carro por coincidência?). Mas à semelhança do que se passa no Universo (sabes o que se passa, não sabes, ó ser livre e inteligente?), tudo é feito de pequenas coisas dentro de coisas ainda mais pequenas, que por sua vez, estão dentro de coisas mais pequenas. E nada existiria, sem elas.

Não digo, com isto, que te devas preocupar com os tipos que metem gatinhos em frascos. Esse tipo de desrespeito com formas de energia vital acontece somente porque não foi explicado a quem o faz o quão doloroso é o processo de colocar algo com determinada massa dentro de um contentor de capacidade inferior à referida massa. Eu disponibilizo-me, desde já, a fazê-lo!

Da mesma forma que se um preto (fodam-se todos, uma vez mais) te roubar o telemóvel, deverás pensar que o faz porque os seus pais foram deixados entrar num país já extremamente pobre para que este o deixasse de ser, concentrado os novos pobres em bairros sociais. Estes, justificariam uma força policial (e submarinos!!) capaz de bater nos gatunos e nos malvados que para fugir ao mar de staphylococcus que lhes é a existência, recorrem a narcóticos que entram às toneladas por debaixo de fiscais que tem as duas filhas na universidade porque são pesoas muito integras.

De que adiantou a Pierre-Joseph Proudhon, a Johann Kaspar Schmidt ou mesmo a um tal de LaVey o seu dantesco esforço em mudar, para melhor, as coisas, se mesmo com princípios mais do que estruturados, continuam a ser colocados nas prateleiras mais baixas da Bertand?

O facto de estarmos aqui a palrar. Afinal, as coisas mudam, e só é necessário o número suficiente de humanos para que os falsos reis que nos tronos se sentam, morram, e neles fiquem quem real e exclusivamente governa: a natureza. •





Memorial do Esquecimento

BM Resende



não-dramatis ex-personae: olango tango, pele tenebros, o barqueiro cego do olho esquerdo

(Levantamento de panos.)

(Pele tenebros cava uma sepultura. Ouve-se o choro decrescente de um recém-nascido.)

olango tango

Eis a morte.

(Pele tenebros sai.)

olango tango

Parto.

(Pele tenebros entra com um saco preto. Atira-o à sepultura. Ouvem-se cantos guturais inuítes enquanto pele tenebros cobre a sepultura.)

olango tango

Eis que parto. E eis que parto. Novamente.

(Caimento de panos.)

(Som de trovoadas. Atravessa o barqueiro cego do olho esquerdo de jangada entre nevoeiro vermelho.)

o barqueiro cego do olho esquerdo

Óbulos terrestres que neste quarto minguante se fazem em piruetas crescentes. Sempre para o outro lado. Pois os excessos dos vivos são a perdição dos mortos. As sombras das margens do mundo só dançam quando existe sombra. Outrora dançavam sempre. Troquem-nos uma e outra vez. Troquem-nas uma e outra vez. Pois já não se sabe quem vive e quem morre. Assim sejam.

(Levantamento de panos.)

olango tango

Ouves o carpir das feridas?

pele tenebros

Como balões a ascenderem ao magma. Antes de rebentarem. Mas só os que me não entram nos ouvidos.

olango tango

Nada disso. É como o ruído das fábricas de luz. As que dão à luz para a morte. As mortinidades.

pele tenebros

Certos sons passam-me atrás das costas. Não os oiço com olhos de ver. Mas sinto-os vaguear como chagas em

busca de um mártir. Querem constantemente mais gemidos. E mais gemidos. E pasmam no simulacro da deidade sempre que insuflam a gula.

olango tango

São ecos serenos como borboletas sem asas. Sem rumo. Sem instinto de deslizar na cegueira da latência cardíaca. Respiram pelos ventrículos.

pele tenebros

Não. Mas sinto as estacas da decadência a penetrarem-me nas axilas. A ascenderem-me ao cume da invisibilidade. Lá de cima me não vêem. É como aqui que os não ouço.

olango tango

Os carpidos só atenuam na solidão. Quando não existem mais ouvidos que os façam deificar as feridas.

pele tenebros

São contemplativos na individualidade. Atravessam os assentos com as suas quenturas mornas. Pensam chegar à pulsão magmática. Ao cerne. Ao tempestivo da ocorrência. Mas deslizam para a horizontal como os mortos constantemente fazem. Tirando isso só as estacas da decadência enxertam o absoluto. Dão-lhe ambiguidade. Fazem pensar nas diversas formas de cair. Para baixo ou para cima. Ostentados na apoteose do vulgaríssimo. No cume da invisibilidade. Ou horizontais. No fosso da incognição. Não obstante o terreno é sinuoso. Nessa linha vertical onde se encontra o infinito a felicidade está no movimento pendular.

olango tango

Por vezes penso como se o fosso me estivesse a ver.

pele tenebros

E está.

olango tango

Permanentemente?

(Olha em redor.)

pele tenebros

Sim.

olango tango

E acciona-se perante as minhas dúvidas?

pele tenebros

Penetra-te pelas palmas dos pés e engravida-te de morte. Sai-te pelos cabelos como um relâmpago seco que não sabe onde está. Nem para onde vai. Nem como vai. Só varia de sítio e é tudo.

olango tango

É tremenda a ocorrência.

pele tenebros

Se o sentires.

olango tango

Dá-se sem sensação?

pele tenebros

Quase sempre. Só depois se sentem as feridas. Ouves o carpir. Serão elas.

olango tango

Nunca o ouviste?

pele tenebros

Esvazio-me de certas entradas. Filtros que já não saem. Por vezes sinto-me entupido. Quando as torrencialidades estouram alagam-me a consciência. Sinto-a borbulhar por baixo do esquecimento. Preservo-o ao máximo. Nada melhor que o esquecimento para me lembrar. Lembrar-me do que não está. Lembrar-me do que não entrou. Lembrar-me do que nunca fiz. Lembrar-me de uma gloriosa folha branca onde a memória me não corrompe. (Silêncio.) Não lembrar. Assim não se sofre.

olango tango

É como não existir. Existir ao contrário. Impulso e grito. Impulso e grito.

pele tenebros

Como os elos da corrente. É a electricidade que não passa entre os neurónios. Duram mais. Duro mais. Como se as estacas me ascendessem à cegueira. Nada mais efectivo para sorrir com permanência. Através de um desenho decalcado pela humidade dos dedos no meu espelhamento. (Desenha sorrisos em folhas. Amarfanha-as e atira-as aleatoriamente rindo.)

olango tango

A dor é uma memória.

pele tenebros

Sim. E ao contrário também.

olango tango

Mas continuo a ouvir os carpidos das feridas. Não são memória. Estão.

pele tenebros

São sonho.

olango tango

Penso que a morte me sonha.

pele tenebros

Porque também sonhas com ela. O



sono é irmão da morte. O sonho é um típico caso de incesto. O pesadelo é o excesto.

olango tango

Só me adianto ao óbulo. Já que o óvulo se me adiantou.

(*Silêncio.*)

Os olhos distraem-me da visão interna.

(*Silêncio.*)

Porque é que o sol me não deixa vê-lo?

pele tenebros

Porque gosta de te apalpar as pálpebras. Para sentir o que não viste.

(*Silêncio.*)

Olha a penumbra.

(*Silêncio.*)

Fecha os olhos.

(*Olango tango fecha os olhos. Pele tenebros lambe-lhe as pálpebras.*)

pele tenebros

A fraternidade é húmida e não se vê. Não se lembra para não ferir. Esfrega os olhos e alucina com as espirais. Pensas ver quando tudo o que tens à frente é o ecrã negro das pálpebras. Assim sendo como ousar ver? Como afirmar o real se até as próprias pálpebras te alucinam? O esquecimento é o elixir alquímico que provoca a sanidade imediata. Tudo o resto é dor sem razão.

(*Olango tango chora.*)

pele tenebros

Esquece-te.

(*Pele tenebros cava uma sepultura. Ouve-se o choro decrescente de um recém-nascido.*)

olango tango

Eis a morte.

(*Pele tenebros sai.*)

olango tango

Parto.

(*Pele tenebros entra com um saco preto. Atira-o à sepultura. Ouvem-se cantos guturais inuítes enquanto pele tenebros cobre a sepultura.*)

olango tango

Eis que parto. E eis que parto. Novamente. (*Silêncio.*) A criação foi a fenda na decadência. E eis a ira de uma partida sem chegada. Das vísceras que implodem crias de cerâmicas estilhaçadas. Os vasos fazem-se quebrados.

Olaria que se faz palavra e degenera. Nascem sem cola. E grita-se a unidade. Unidade. Unidade. Unidade. Unidade.

pele tenebros

Unidade.

olango tango

Unidade.

pele tenebros

Unidade.

olango tango

Pois já ninguém se sabe.

(*Sons de vasos a partir.*)

olango tango

Sem retorno. Os ecos que não se devolvem perdem-se no fio infinito da silenciosidade. E a cópula entre o vento e a terra já não faz germinar folhas dançantes. É o sémen esguichado ao negro veludo do cosmos sem o esventrar com uma cauda flamejante. E onde estão os cometas fulminantes? Acaso o liquido primordial vos envenenou de sangue retórico? Alguma vez deixei cair as pestanas às vossas passagens nos crepúsculos dos sonhos? A ira come-me a cegueira e mesmo assim vos não vejo. É este o infortúnio?





Memorial do Esquecimento

(Pele tenebros despeja água ardente em círculo em volta de olango tango. Incendeia-o.)

olango tango

Belo. Belo. Belo. Pequenas doces brasas do aconchego. Como desejava fazer dançar as minhas retinas agrilhoadas na alucinação à vossa presença. Fazem-me reencontrar a ténue memória da crispação das vagas de labaredas. Ao encontro do zero em remoinho. Um moinho outra vez. Oriento os olhares para a ejaculação das faíscas que se perdem na hegemonia do inócuo. Para a infertilidade das pupilas que lacrimejam o arenoso. São os desertos das insuficiências. Os trilhos que desaguam na falésia da incoerência. O indizível refaz-se nas ignições que mordem os dedos da incredulidade. Faíscas que assombram a luz das cegueiras vagabundas. Trémulas virilidades amordaçadas ao líquido.

(Pele tenebros apaga a água ardente em volta de olango tango. Sons de crepitações.)

pele tenebros

Viste-te?

olango tango

Sim.

pele tenebros

Então esquece-te.

(Ouvem-se cantos guturais inuítes. Olango tango come as folhas amarfanhadas.)

pele tenebros

Ouves o esquecimento?

(Olango tango sorri.)

(Caimento de panos.)

(Som de trovoadas. Atravessa o barqueiro cego do olho esquerdo de jangada entre nevoeiro vermelho.)

o barqueiro cego do olho esquerdo

Óbulos terrestres que neste quarto crescente se fazem em piruetas minguantes. Sempre para o outro lado. Pois os excessos dos mortos são a perdição dos vivos. As sombras das margens do mundo só dançam quando existe sombra. Outrora dançavam sempre. Troquem-nas uma e outra vez. Troquem-nos uma e outra vez. Pois já não se sabe quem morre e quem vive. Assim sejam.

(Ouve-se o choro decrescente de um recém-nascido.) •





O sublime conforto do desconhecido

Charles Sangnoir



Há um prazer muito peculiar que sinto quando reencontro, passados anos, uma obra de arte...

...que a certo ponto da minha existência me tomou de sobressalto, me surpreendeu ou me arrebatou mas que, com a marcha implacável do tempo, se foi esfumando da minha presença e da minha memória. Tal como velhos amigos, que ao final de uma temporada se reencontram por coincidência ao virar da esquina e que com um encolher de ombros e um esgar de jocosidade fingem nunca se terem zangado, e em amena cavaqueira encontram uma vez mais o prazer da mútua companhia, dou por mim a redescobrir toda uma série de pequenas pérolas que outrora me seduziram e que voltam agora rejuvenescidas à minha colecção de delícias.

Gostaria de falar ao leitor de um desses exemplos - uma obra exemplar que á mesma mesa junta duas das minhas paixões: a música e a astrologia.

A obra em questão intitula-se *The planets* (Op.32) e foi composta na segunda década do século XX por Gustav Holst. Não sendo Holst um compositor sobejamente conhecido do público em geral, valeu-lhe a riqueza de génio com que compôs esta obra, sem dúvida a mais celebrada da sua carreira.

Esta deliciosa obra de música clássica é composta por sete peças: *Mars, the Bringer of War*; *Venus, the Bringer of Peace*; *Mercury, the Winged Messenger*; *Jupiter, the Bringer of Jollity*; *Saturn, the Bringer of Old Age*; *Uranus, the Magician* e *Neptune, the Mystic*.

Sem ser uma peça de extraordinária originalidade no que concerne aos recursos de composição (são reconhecidas e muitas vezes criticadas as influências mais ou menos explícitas de Debussy, Stravinsky ou Schoenberg) ou de aprofundado conceito metafísico (os arquétipos planetários indicados nos títulos podem chegar a roçar o boçal, embora se saiba que Holst estudou efectivamente astrologia), existe no seu resultado final algo de profundamente inspirado e genial.

Da toada desconcertante e imponente de *Mars*, à inquietude harmónica de *Mercury*, até à cadência misteriosa e

titubeante de *Neptune*, é possível aprender, de uma forma quase iniciática, as características energéticas correspondentes a cada um dos planetas. Talvez seja esse o grande trunfo da obra de Holst – a experiência sensorial, sensitiva até, dos valores compilados por Ptolomeu no seu *Tetrabiblos*. Conhecimento feito música, iniciação feita Arte.

Mas não é necessária qualquer escolástica esotérica para poder apreciar esta sublime peça – atrever-me-ia a dizer que até a mais bruta das criaturas não passará incólume ao efeito vibratório desta Suite dos Planetas. O mais comum dos mortais identificará nesta peça grande parte dos elementos que mais tarde viriam a fazer as delícias auditivas dos cinéfilos nas bandas sonoras de ficção científica, *suspense* ou terror. Directa ou indirectamente a sua relevância, a sua subtil importância e influência está patente e terá certamente marcado uma significativa parte dos compositores da actualidade.

Fará certamente uma extraordinária banda sonora a determinado ponto da vida do leitor.

Da minha fez certamente. •





Monstros ao Nascer do Sol

David Soares



O Sol emite uma luz entomógama – poliniza tudo, inscrevendo-nos na cútis...

... como em hierática, poesia luminiscente que reluz quando fantasiamos. Cada madrugada é uma inauguração: um inatismo intenso, tão jupiteriano quanto apolíneo, que converte o orvalho em malte e que converte os sonhos em Obra.

A Terra é um cadinho e tanto a prata lunar quanto o ouro solar são fundamentais para que as mentes tocadas pela Arte não murchem como parchas. Existem sideromantes e sicomantes: uns observam fumo soprado pelo vento, os outros interrogam as folhas das árvores – folhas que, como athanores, fulgem a luz do Sol nas suas fornalhas fototrópicas e reformam-na em respostas numa harmoniosa sigilografia. Somos criaturas luministas: sem o luziluzir, abacinamos e tornamo-nos como a espuma do oceano – barulhentos, sem substância e apartados de um mundo maior. Passamos a conviver com monstros ao nascer do Sol.

O Sol é o nosso coração heliostático e o solstício é a sua síncope: um suspender súbito da circulação da luz que assusta e desintumesce. Este ano, o solstício de Inverno será uma imersão autêntica no abismo amalteiano, porque, tal como um coração verdadeiro,

o Sol logrará o seu ponto mais baixo no período em que o metabolismo humano atinge todas as madrugadas o nadir: entre as cinco horas e as cinco horas e meia da manhã.

Esta é a hora da morte.

Este é o tempo temido pelos terapeutas nos hospitais.

Uma tímida tosse, um espasmo muscular sobre o lençol, e lá vamos nós, rolando para fora da vida como se caíssemos por uma escada.

A finitude é a diapedese incompreensível que aniquila todos os organismos – morremos e logo mirramos, porque parte de nós passa de imediato pelo mundo em direcção ao zénite misterioso e etéreo, como um leucócito passa de imediato por uma veia em direcção ao zénite misterioso e muscular. A alma é uma fotonauta numa região solífuga, prenhe de pesadelos. Existem monstros ao nascer do Sol

A hora da morte é, também, a hora dos maus sonhos.

Dos pesadelos.

No mesmo momento, transmutam-se moléculas e pensamentos: a garra da morte agita, de uma vezada, a carne e a mente, contaminando-as com as suas sicoses. Às vezes, é a imaginação fragilizada que cede sob o peso dos efialtas e acordamos com o coração na boca; em outras ocasiões é a carne quebradiça que sucumbe e o coração não chega sequer à boca, porque é brutalmente suprimido por um eterno e sincopático solstício. Mas o Sol não pode deixar de bater. Não pode fenecer pe-

los monstros que vêm vê-lo nascer.

A história é sismográfica. Ninguém pode prever os seus altos e baixos. Como os corações, e como o Sol, ela também possui solstícios, durante os quais a inteligência e a imaginação, a prata e o ouro, se arrojam pela hora da morte. Tempos terríveis em que nada parece luzir, nada parece concatenar-se. E, no entanto, cada madrugada é uma inauguração que converte os sonhos em Obra.

Este ano, o Sol e todos nós caíremos juntos, à hora da morte, na fossa capricorniana, em que os pesadelos andam à solta, mas Amalteia estará entre eles para salvificar-nos com o seu leite e tanto o Sol como nós sobreviveremos de certeza a mais um temível alvorecer.


Há sempre monstros ao nascer do Sol. Nessa altura, tudo é uma explosão amarela: arraigada à antracite nocturna, a água abissal parece urina, mas sobre ela, à linha do horizonte, matizes marmóreos quase adquirem propriedades magnéticas. Icterício, o Sol transita do amarelo hepático para a cor áurea das pirâmides, à medida que ascende sobre os pesadelos, translúcidos como o sangue dos insectos.

Aí, amolecemos ao acordar, num rigor-mortis invertido, e tudo se citrifica.

Tudo se transforma em universo.

Não merece isso uma celebração? •



A close-up, low-angle shot of a person with long, wavy hair reading a book. The person is wearing a pink shirt. The room is dimly lit, with a warm, orange glow from a light source, possibly a lamp, illuminating the scene. The background is dark and out of focus, showing what appears to be a curtain or a wall. The person's hands are visible, holding the book open. The text is overlaid on a red rectangular background at the bottom of the image.

Se um viajante numa noite de Inverno

Devis deviLs Granziera



O Inverno é a melhor estação para a leitura.

Obviamente, que podes sempre trazer contigo um livro durante as caminhadas de Outono, o mesmo se aplica para as tuas primeiras excursões de Primavera. Mas será que podes ser realmente capaz de te concentras apenas e só na leitura, sem diluir a tua atenção, quando estás fora de casa? Até sou de certa forma “plantígrado”; durante o tempo de Inverno não gosto de sair da minha caverna. Assim, posso concentrar-me nas minhas coisas, nos meus queridos livros, sem distrações. Noites longas significam tempo longo a entregar à leitura. Ler para afiar a tua mente e os teus pensamentos, que nem as alfinetadas da geada do clima da estação mais fria. Ao longo do tempo de Verão, eu leio muito poucos livros. Demasiado quente, demasiado húmido... de que forma é que podes ler um livro, se queres é usar as suas páginas como um ventilador tremeluzente? Ou será que já alguma vez tentaste ler um livro à beira-mar, debaixo da sombra de um guarda-sol, assistido pela fresca brisa marítima, quando estás é rodeado por lindos corpos femininos em biquíni e topless? Asseguro-te que é praticamente impossível, mesmo que sejas um velho homem sábio que se encontre na an-

dropausa. E, provavelmente, é por isso que não vês muitos homens sábios, quando vais até à praia! Não existem dúvidas, o Inverno é, definitivamente, para a leitura! Portanto, eu convido-te a tomares o teu lugar. Sentes-te aconchegado? É muito importante encontrar o teu ambiente de leitura mais apropriado. Encontra um local que seja tranquilo e confortável. Podes inclusive tentar ouvir alguma música ambiente. Para algumas pessoas, isto torna a leitura mais aprazível. Música ambiente é geralmente melhor recebida, mas cabe-te a ti escolher o que gostas. Muitas das vezes eu não ouço, de todo, música, enquanto leio, já que eu prefiro evitar qualquer pequena distração quando mergulho nos meus livros. Seja como for, o leve estalar e estouro vindo da lareira nunca me irrita, com certeza! Lembra-te e olha o quanto a leitura é uma actividade solitária! Lês sozinho, mesmo se estiveres na cama com o/a teu/tua querido/querida companheiro/companheira ou numa sala de biblioteca a abarrotar.

Leitura é solidão. Se uma outra pessoa te ler um livro, isso não é leitura, é arremedo, é uma coisa totalmente diferente, é ouvir. Isso é uma espécie de transmissão rádio. Seguramente que tal pode fazer-te companhia, mas nem sempre é uma experiência agradável. Não te irritam as más pronúncias, os

defeitos dos discursos? Não te tornas exasperado devido à hesitação ou aos sotaques estranhos? Isto é intolerável. Também para mim leio com os meus próprios ritmos. Agora, rapidamente, quando eu agarro somente a história num olhar de relance. Depois, talvez devagar, porque encontro algumas linhas com significado e carregadas, e é quando eu gosto de parar e demorar-me um pouco nelas. De seguida, eu gosto de reler, de modo a me focar em detalhes que possa ter perdido de vista. Terás que ler sozinho!

Última coisa importante: foste mijar antes de começar a tua leitura? Nunca negligencies as tuas funções corporais.

Bem, agarra no teu livro. À medida que te tornas mais velho e sabedor, aprendes a não esperar algo de bom vindo de todas as coisas na tua vida. Inclusive, dos livros. A melhor coisa é evitar o pior. E tu sabes que começar a ler um livro é como ir encarar “qualquer coisa” de um fadado vago que estará para ser, sem ainda estar de todo lá. É por isto que os livros são para ser lidos especialmente no tempo de Inverno. Se não gostares do que encontras nas suas páginas, tu podes fechá-lo, mas podes ainda atirá-lo directamente para a lareira, se o livro for demasiado estúpido. Talvez adoptes os teus próprios padrões na escolha dos livros que vais ler. Eu uso o termo



“livros” na forma plural, já que se tu és um verdadeiro leitor, terás com certeza acumulado alguns volumes para encerrar o período de Inverno, tal-qualmente os esquilos acumulam nozes.

Não quero pronunciar-me sobre os critérios que tu segues para a escolha das tuas leituras, mas permite-me que te sugira um livro que é perfeito para esta estação. É um livro de Italo Calvino. O seu título é «Se una notte d’inverno un viaggiatore».

O livro não conta apenas uma história, visto que a personagem principal do romance é um “Leitor”. A leitura é uma actividade que é mais complexa do que pode aparentar. Existe uma mistura contínua no meio de materiais e objectos sólidos, páginas reais cheias de escritas, e subsequentemente existe a parte imaterial realizada pelo teu cérebro, percepções, fantasmas. Todavia, igualmente, a coincidência representa um papel importante na leitura. Quantas vezes começaste a ler um livro e de repente tiveste que colocá-lo de parte? A leitura pode transformar-se num assunto inacabado. Complicações, complicações, complicações. E assim como para a vida, invariavelmente, há um pedaço que falta ao puzzle final.

Assim, o Leitor prossegue na recolha de apenas escombros. Não obstante, a humanidade possui uma afeição estranha para complicar as coisas, enquanto tenta a resolução de umas outras. Tu podes fazer qualquer coisa que desejes de modo a ficares cada vez mais perto da perfeição, a um ideal com fim bem sucedido. Mas isso é uma ilusão. Há sempre outra história que espreita por detrás de cada história. Deverás assumir que não podes estar seguro de nada, inclusive das páginas que estás a ler precisamente aqui e precisamente agora. Poderá haver sempre alguma omissão, um erro de impressão, um erro tipográfico, um equívoco à tua espera, logo ao virar da esquina, logo na próxima página. Ao invés de ficares desapontado pelos acidentes, tu deverás antes aproveitar as experiências inesperadas que possas vir a encontrar atrás dos problemas e contratempos. A própria vida é um acidente.

Tu talvez penses que com estas linhas estarei a escapar-me de me pronunciar acerca do livro intitulado «Se una notte d’inverno un viaggiatore». Asseguro-te de que estás errado. Acredita em mim. “Se una notte d’inverno un viaggiatore” é um livro sobre a lei-

tura dos livros. E dentro deste livro encontrarás tudo o que eu estive a dizer até agora. E dentro deste mesmo livro tu encontrarás, pelo menos, outros dez. E tu não encontrarás apenas um escritor, mas, pelo menos, o escritor mais dez. De modo semelhante ao jogo de reflexos criado por Pessoa, onde a leitura causa a tua própria imersão num universo complexo de circunstâncias arcanas.

A leitura é uma droga que, sem dúvida, vicia. “Se una notte d’inverno un viaggiatore” é um livro que não vai curar o teu vício, mas irá ajudar-te a conseguires uma melhor compreensão da sua natureza. É um livro sobre livros. Um livro que verdadeiramente nunca termina. Um livro que é feito de inícios e começos contínuos. Quando as páginas se acabam, a história ainda continua. Tal como a vida no tempo de Inverno, quando a mesma se parece mais com morte.

Enfim, olha lá para fora. Agora é Inverno! Está frio lá fora. Permanece em casa. Agarra o teu livro. Senta-te confortavelmente. E começa a ler “Se um viajante numa noite de Inverno”... •





setecentas cabras pulam com
meias de lã sobre um estrado coberto
de rama de algodão
os chocalhos fervilham o ritmo da
orquestra

velha vestida de negro com uma
urze na cabeça

- *aqueilha fuonte de leite jorraba hai*
milénios cula mesma ufanía
papoilas cun trajas aparentes de bari-
nas nun l éran

subiam o carreiro de madreperla
cada uma com sua cantarinha preta
à cinta
às vezes parában debido al cansaço

dos ramos dos carvalhos pendiam
pastores lagarta
estes faziam o acompanhamento de
orquestra com suas vozes guturais
marabillhaba-se de tal forma l sol neste
éxtase
que cobria de sémen dourado todo l
plaino

un nino cun cabeça de falcão
passou em delirante corrida

com um arco de ferro rolante
iba largando paxaricos de papel pul
rabo
que ao entrarem em contacto cula
atmosfera
ganhavam vida própria i tornában-se
quelor d'açafon
mal l nino se tornava holograma no
horizonte
escreveram en l'aire
este ano os melões estão docinhos

nisto fui de repente que se iniciou o
êxodo dos coelhos
famílias anteiras
çtinguiam-se os machos pela cartola
que invergavam
as fêmeas
essas arrastavam véus de pipoca rosa
de traje popular iam as crias
ostensiva nudez dos pêlos branqui-
nhos
olhos postos no coelho da lua que toca
no tambor
a marcha libertária de todas las speces
cun uolhos

amporta dezir que na frente
a cinco metros de distância
segundo as leis místicas

ia o coelho druída cuja crâneo
meio aberto largava um fumo azul e
branco
na mão esquerda suportava o grande
varapau de sabugueiro
que l suportaba a el
nua pequeninha haste
levava a cabeça pendurada
que debido a l'agitaçon de la marcha
ia pingando borboletas euplágias

este ano os melões estão docinhos
diziam já a plenos pulmões todas as
aves
e isso movia as turbinas
al pobo branquinho

a emoção orvalhava o deserto das
mãos da velha criatura
o esporão do seu polegar era o
velho corno
que na realidade
se desprende da fronte

- estavam já perante as montanhas de
verno
imponente cordilheira grega

o druída levitou sobre um pilriteiro
ladeado por dois pinheiros pigmeus

pareidolia gigantea

Fátima Vale

*semelhantes a dues lanças begetaria-
nas
i cul crisol que por magie le surgiu na
pata squierda de la frente
polbilhou l'atmosfera de pepitas
douradas
para anton dezir
cui cui cui
cui*

*os lagomorfos alvinhos
suspiraram de alívio
delantre la perpétua libardade
an que se percebiam Star*

*pousaram as suas quatrocentas trou-
xinhas
livraram-se dos adereços
e em ritual dionísio comeram deli-
ciosas ervas
seguidas dua beilça ourgiástica
que se grababa assi na parede de
l'anfenito rupestre*

*em todo este momento
estive o druída suspenso sobre o
pilriteiro
horizontalizado e envolvido com
milhares de euplágias
que lhe extasiavam as meninges do Ser*

*eis que ne ls cielos surgiu un raposo
abermelhado
pela condição do ocaso*

*era tão tremendo o seu tamanho
que o povo branquinho se estatificou
de boca aberta
scorrendo babinhas fumegantes*

*um gigantesco raposo
que parecia poder cair sobre as cabeças
da terra*

*o druída ergueu-se num pulo
que o trouxe ao chão
liebantou l barapau de sabugueiro i
gritou
num tom de profecia
cuuuuuui*

*todo o povo elevou as nalguinhas
roçando os bigodes na terra*

*o druída manteve-se incompara-
velmente firme
e pelos ares epifânicos de la cordi-
lheira
entoava Habib Koite & Bamada
em cântico de mali ba*

*na pareidolia do milagre celeste
o titânico raposo em mímica
alquímica
coçou apoteoticamente la nalga
squierda*

*o sábio povo ascendeu ao cume de
Si mesmo*

*cumpria-se assim a mais divina de
las profecias
o nascimento do inverno
pela brancura animal
dos montes de verno*

*a doçura dos melões perpetuou-se
nas lendas alvânicas
berço de uma espécie ex_tinta*

*ainda hoje
um bielho nino com cabeça de
falcão
diz em muas*

*melones doceilhos
ambierno sin coneilhos •*

Uma orquestra (quase) natalícia

Flávio Gonçalves





*Em 2000 sucumbia à curiosidade (após ter lido as várias
recensões nas Rock Brigade e Roadie Crew, as parcas revistas
que chegavam aos três quiosques da ilha do Faial, onde então
residia) e encomendava, por intermédio da extinta e mítica
Thrash Publishing de Mário Lino...*

...uma das duas fontes discográficas durante toda a minha juventude, a outra seria a *mail order* da Carbono do não menos mítico Centro Comercial Portugália, onde se concentravam todas as lojas de cultura alternativa da capital antes de o encerrarem prematuramente sem qualquer razão convincente – o álbum *Beethoven's Last Night* da Trans-Siberian Orchestra.

O álbum, que coloca Ludwig van Beethoven no difícil papel de Fausto, negociando a sua alma com Mefistófeles, impressionou-me. Fã confesso de projectos mais sinfónicos, como Therion, não havia como não gostar de uma “ópera rock” entre cujo trio fundador se encontravam Jon Oliva e Al Pitrelli que, com os seus Savatage, tinham dedicado, em 1998, o título de um álbum ao nosso Fernão de Magalhães (*The Wake of Magellan*, embora o álbum não tratasse do navegador português mas de um suicida pescador espanhol) e o compositor Paul O'Neill (ex-produtor de Aerosmith, AC/DC e Scorpions, entre outras estrelas), o ‘ideólogo’ do projecto.

Em menos de dois meses recebia *Christmas Eve & Other Stories* (1996) e *The Christmas Attic* (1998), os dois primeiros álbuns cuja temática, como demonstram os títulos, era, mais que o Inverno, o Natal! Um casamento perfeito, como poucos o conseguiram, entre *heavy metal* e música clássica, com orquestra incluída e uma variedade gigantesca de vocalistas masculinos e femininos (56 até agora) devido ao grande volume de concertos (estão no top-10 das bandas que mais bilhetes venderam na primeira década deste século XXI).

Escusado será dizer que desde então estes são os meus álbuns de excelência mal chega o gélido conforto do frio e das noites longas, há uma década que me aquecem o coração, desde os tempos em que os acompanhava com B-52s, shots fumegantes de absinto e goles de cerveja no bar de algum amigo, até ao actual serão regado a chá, cafés com natas e chocolates quentes, que isto da idade não perdoa e o es-

queleto ressentir-se.

Embora só tendo lançado mais um disco dedicado ao Natal, *The Lost Christmas Eve* (2004), tendo lançado um álbum duplo *Night Castle* (2009) mais genérico, os concertos da Trans-Siberian Orchestra tornaram-se já numa tradição natalícia nos Estados Unidos da América, com todo um aparato que inclui, além de orquestras, muito fogo de artifício, espectáculos com lasers, actores convidados, etc., mais que um concerto, trata-se de um *happening* memorial para toda a família.

Curiosamente o Inverno, ambiente de fundo de inúmera literatura de terror e sobrenatural (a par com o Outono, que costumava ser a minha altura favorita do ano antes de aparentemente ter desaparecido nos anos mais recentes à pala das alterações climáticas), trate-se de argumentos de séries de televisão, cinema, contos (nos EUA ainda existem revistas especializadas) ou romances, há todo um imaginário em redor do Inverno, pense-se nos el-

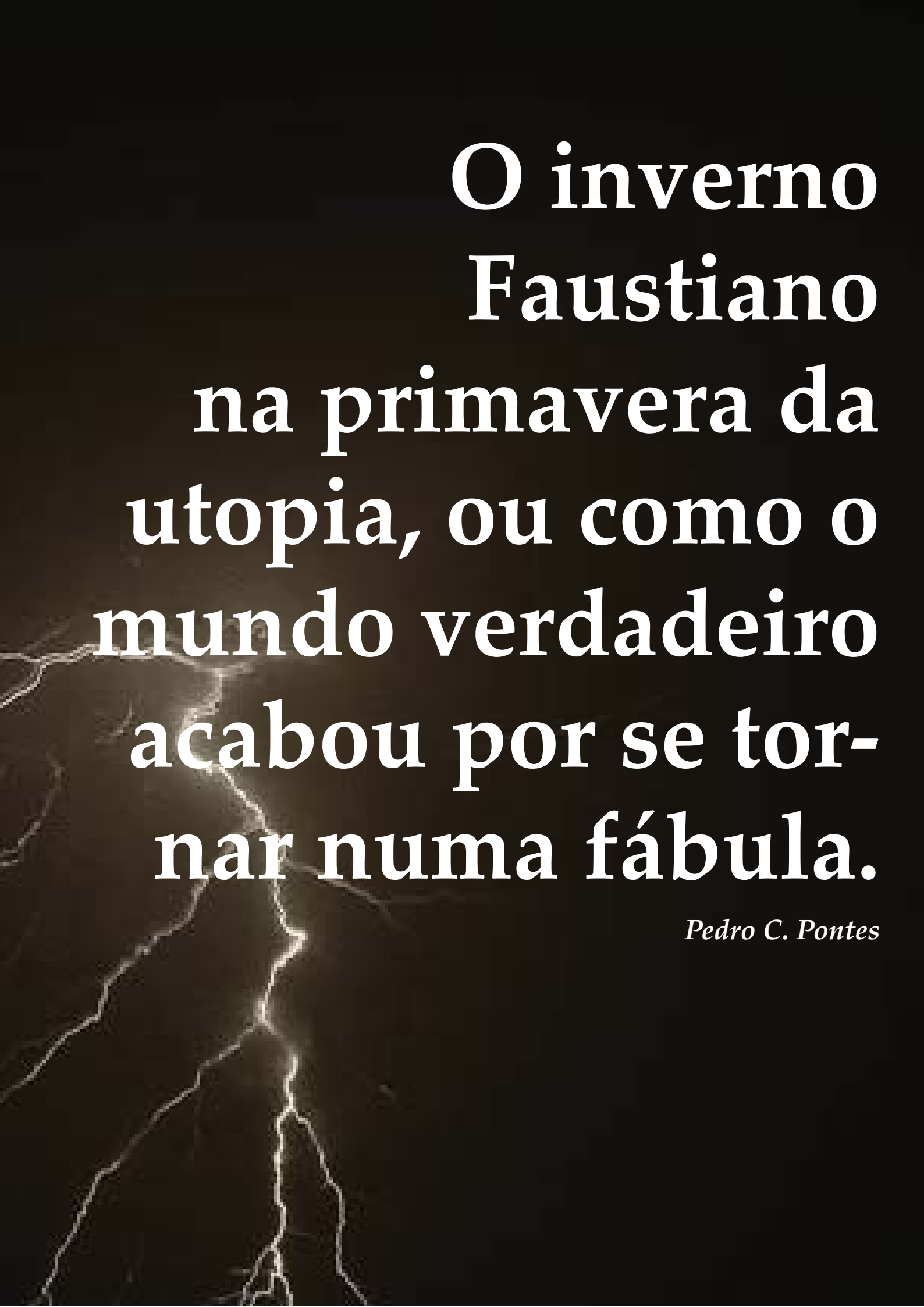
fos do Pai Natal ou em qualquer ponte gelada e assombrada, no wendigo ou nas pagãs árvores de Natal que ainda sobejam nos lares portugueses, o Inverno faz com que o Homem sonhe, imagine, crie!

Foi com esse espírito que há um ano, precisamente, ousei organizar a antologia “Pesadelos de uma Noite de Natal”, um dos milhentos projectos que ainda tenho na gaveta, embora tendo recebido dezenas de contos originais destinados à antologia, tanto de autores nacionais como brasileiros, por motivos de força maior que me eram alheios (incumprimento contratual por parte do então distribuidor da editora onde trabalho) o projecto acabou por não chegar ao grande público pese embora o bom número de originais recebidos e inclusive ao desenho da capa, da autoria da talentosa Vanessa Bettencourt, com quem já tinha trabalhado no álbum de banda-desenhada *Murmúrios das Profundezas*.

Há que honrar o frio criador que desperta a imaginação do homem para o pior e para o melhor, sejam monstros horrendos que se escondem no breu à espera da mínima distração para nos retalharem e reduzirem a uma pejagosa poça de muco, sangue e entranhas, seja na crença de uma bondade avassaladora que inunda todo o planeta, em rituais que nos levam a inundar de colorida luz as escuras e longas noites. Tudo isso é Inverno, haverá altura mais mágica do ano? •







O inverno
Faustiano
na primavera da
utopia, ou como o
mundo verdadeiro
acabou por se tor-
nar numa fábula.

Pedro C. Pontes



(Reflexão sobre o mito de Fausto, o auto-conhecimento e a noção de decadência em Nietzsche)

"Se eu estiver com lazer num leito de delícias, não me importa morrer... Quero firmar o acordo"
Goethe

"De todo o poder que sustenta o mundo acorrentado o homem liberta-se quando ganha o seu auto-controle"
Goethe

Neste momento em que o ciclo da luz solar ilumina em todo o seu esplendor e nos indica magistralmente o caminho num tempo, aguardamos pacientemente por uma guerra inteligente contra a paixão, não querendo extripar a vida pela raiz, contra os inimigos da vida e os seres demasiado débeis de vontade na luta contra o desejo e que mutilam as paixões, os demasiado degenerados nas suas necessidades e naturezas, falando com e sem imagens, de uma definitiva declaração de hostilidade, que agora nos é apresentada como um remédio radi-

cal, *Panacea* indispensável unicamente aos degenerados.

Os *Trapistas** que hoje não conseguimos ser darão um sentido ao estado geral de um temperamento, tão excessivo quanto hostil, convertido em ódios que atingirão o seu clímax, não neste solstício, nem nos vindouros, sem que antes essas naturezas percam a consistência para se entregarem à eliminação do seu "demónio". O conflito de Fausto e Mefistófeles simboliza a própria humanidade descontente com os seus sonhos, construídos na fábula desta realidade desprovida de espírito e de sentido cheia de vendedores da *Panacea*. A espiritualização da sensualidade chama-se amor e este não será o nosso maior triunfo. Não obstante, a espiritualização da inimizade pode mexer nesse tempo, retirando-se daí algumas conclusões, contraditórias com o que outrora se fez e acreditou.

**Ordem dos Trapistas, monges católicos, de grande rigor de vida, e que cultivavam a oração e a contemplação da na-*

tureza, além do trabalho manual, no quase completo isolamento do mundo secular.

Em todas as épocas recentes, nas quais nos cruzamos com nós próprios, optou-se pela aniquilação de todos os considerados inimigos da fábula presente. Nós, imoralistas e anticristos, vemos uma vantagem nesse facto. Contudo, o inimigo interior, esse conflito eterno, devia espiritualizar-se e honrar o sentido do instinto da vida. Essa moral, sã e natural, seria a antimoral face à moral antinatural praticada, usurpadora dos instintos da vida.

"Não procures proveitos desonestos, os proveitos desonestos são perdas."

Hesíodo

Para realizar e reconhecer o que já não é um estado de Natureza, mas uma simples ilusão possível, é necessário superar essa dita espiritualidade, bem como a virilidade materializada na fábula da terra do ocaso, do declinar do ser, onde morre o dia e começa a noite, entendendo esse fino traço que separa o herói do meio dia do titã e do vilão da noite, para nos livrar-mos da inutilidade da aparência, podendo dar assim origem a um novo ciclo que já Hesíodo anunciava,





"a geração dos heróis" criada por Zeus, como uma possibilidade para atingir esse estado prôtogeno.

"No princípio do mundo, como gravemente pondera Séneca, porque não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céu. O sol, a lua, as estrelas e o uso da sua luz é comum a todos e assim era a terra no princípio: porém depois que a terra se dividiu em diferentes senhores, logo houve guerras e batalhas e se acabou a paz, porque houve meu e teu"

P. António Vieira

A degradação dos heróis que dizem lutar por essa libertação expressa-se numa revolta contra o espírito, caracterizada pelo orgulho, violência e belicismo. É a revolta titânica que consome então todo o espírito necessário para sair dessa obscuridade, particularmente clarificadora da raiz do fenómeno do materialismo selvagem e da sacrossanta moral detes tempos em que o inverno não nos abandona. *Hybris*, o eu e o seu invólucro que nos paralisa todas as ações, de abrimos

a brecha da transcendência, voltando a reconhecer e viver o ponto mais alto em que o sol liberta toda a sua luz que revela, por outro lado, na sua perversão, o lugar perigoso do "herói esperado". O lugar vazio sobre o qual se abre o abismo e onde é sempre fulminado o "não-eleito", que assumindo a sua vaidade e o seu orgulho, em prol do acto heróico e bélico, sobrepondo-se ao verdadeiro "herói", supra-sensível que reconhece em si próprio o acto da humildade, vive exprimindo o conhecimento transcendente de si próprio, contra a condenação da vida já de si moribunda, cansada, condenada. O mundo já pensado como uma consolação.

"O mundo verdadeiro foi por nós destruído: que mundo resta? talvez o aparente?...Mas não! Com o mundo verdadeiro destruímos igualmente o aparente. (Meio-dia; momento da sombra mais curta; fim do mais longo erro; culminação da humanidade; INCIPIT ZARATHUSTRA.)"

Nietzsche


O perigo real de se tornar num falso herói de si próprio existe quando se

dá essa identificação com o drama, o esperado, o desejado e ao "cantá-lo", afirmando-o, venerando, pregando. As canções acompanham os que buscam, com palavras o mais provável é que este drama se materialize nas ruas da indiferença e se afirme como uma presença fugaz e romântica numa rebelião contra os instintos da vida. A santidade, o castrado ideal é onde a vida acaba e começa o reino dos *PrôtoGENOS*, o princípio e o fim.

"Quando a chave de toda a criatura seja mais do que número e figura, e quando esses que beijam com os lábios, e os cantores, sejam mais que os sábios, e quando o mundo inteiro, intenso, vibre devolvido ao viver da vida livre, e quando luz e sombra, sempre unidas, celebrem núpcias íntimas, luzidias, quando as lendas e líricas canções, escreverem a história das nações, então, a palavra misteriosa destruirá toda a essência mentirosa."

Novalis •



A photograph of a messy bedroom. In the foreground, several pillows and a blanket are scattered on a light-colored carpet. In the background, a bed with white linens is visible, along with a window covered by dark curtains. The room is dimly lit, with light coming from the window.

Seleccionado e exumado, uma atitude indisputada

José Macedo Silva



A primeira vez que o “vi” foi pouco depois da doença da minha mãe.

Recuperava de uma doença grave de que não importa aqui falar, a não ser que teve que ver com o facto de existirmos quase sem sentido e significado alguns, aguardando serenos e de faces cálidas e resignadas o epílogo da nossa vida. Aí, uma sensação horrível abarcava-se de nós, e tudo parece estar morto.

Quando tomei conhecimento da sua “existência”, começou realmente para mim aquela parte da minha vida, a que se poderá chamar de um gosto efusivo e de difícil agrado pelo som saído das cordas vibrantes de um baixo, de uma guitarra, ou da pele dos bombos, ou do metal cintilante dos pratos de uma bateria. Antes disso, nunca me tinha apaixonado verdadeiramente pela música, e o que ouvia era o que passava na rádio, e pouco mais. Não me tornei músico, nem planos fiz para um dia abraçar a arte de Wagner, etc, nem planos vagos partindo concretamente do nada, nem nada.

As primeiras notícias que tive “dele”, ou seja, as primeiras audições, chegaram-me por um amigo da adolescência. O Dário era um “mestre” na “área”, tinha longos cabelos descendo compridos pelo meio das costas secas e magras e encurvadas pelos genes - a sua família sofre de espondilite anquilosante; e eram louros e amarelos como a areia do mar brilhando no sol quente de Agosto.

O Dário mostrou-me aquele álbum no seu pequeno quarto como uma caixa de sapatos, mas perfeito. Sim, era incrivelmente perfeito para nós jovens adolescentes, de paredes cobertas de posters das nossas bandas favoritas, uma cama por fazer, meias e cuecas espalhadas pelo chão, revistas pornográficas no armário e debaixo da cama, e uma guitarra eléctrica encostada a uma velha cómoda picada de térmitas, que o Dário usava para encantar as nossas colegas na escola secundária com riffs de *Metallica* e de *Judas Priest*; mal tocados, mas que se lixe, nenhum de nós tinha formação musical, apenas e somente o gosto pueril pelo diferente e pelo excêntrico, qualidades soberbas da eléctrica música moderna.

Fiquei bestialmente curioso com as canções, em número de catorze, carregadas de inocência e delicadeza musicais, até porque os seus autores tinham aproximadamente as nossas idades,

apenas eram um pouco mais sortudos por terem nascido num país que lhes facultava outros horizontes, para além da “marmelada” por cima da relva da escola, uns quatro ou cinco concertos por ano, e umas escapadelas ténues e fugazes até à discoteca “quando o rei fazia anos”.

Dário, sentado sobre a cama desfeita e de pernas cruzadas como um Buda falava-me daquele álbum musical com todos os assomos intelectuais admiráveis de que tinha justamente fama de sabedor. A certa altura discutíamos aquelas canções e pensávamos se alguma vez chegaríamos a ouvir coisa parecida made in Portugal.

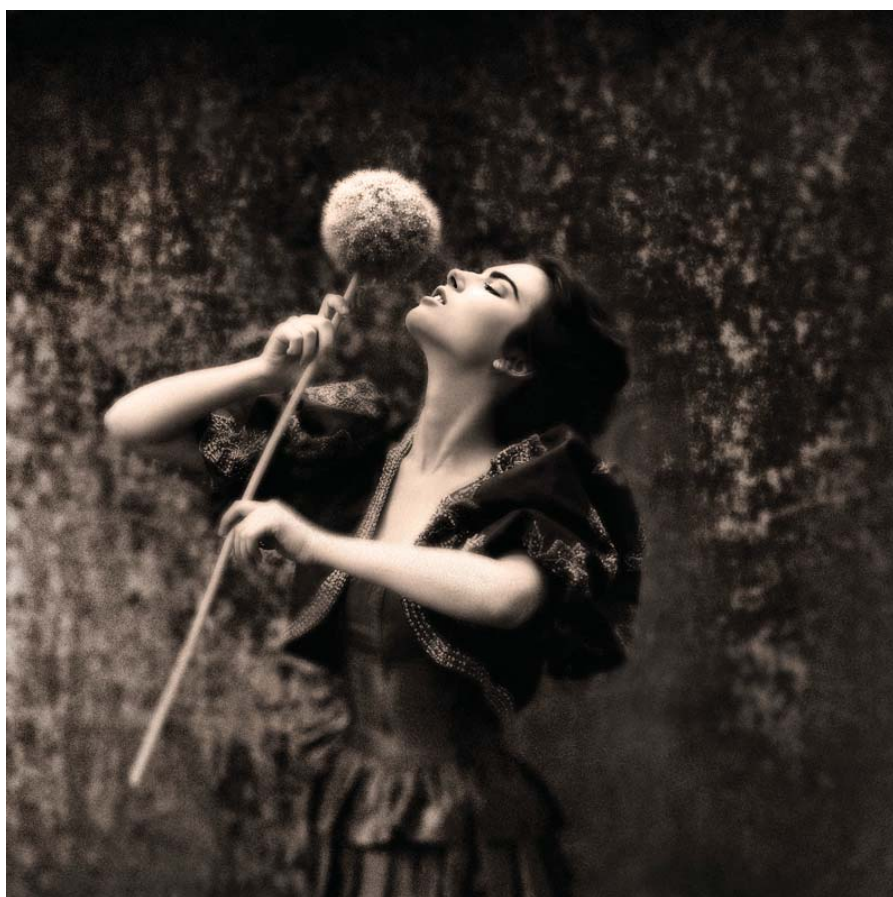
Tudo isto data de tempos recuados, estávamos em 1994; *Slayer* regressava de um hiato de quatro anos - depois do magistral lançamento de *Seasons in the Abyss*, e o incompreensível abandono do senhor *Dave Lombardo* da eterna bateria da banda californiana -, com o álbum *Divine Intervention*; quanto a mim o trabalho mais refinado da banda, e a estreia muito capaz do então jovem *Paul Bostaph* aos comandos da bateria da tribo de *Kerry King* e de *Tom Araya*. *Slayer*, e mais uns quantos nomes do trash-metal era o meu forte, claro, para além daquilo que a rádio me dava a conhecer.

Naquela altura não havia internet por aí, as revistas especializadas do gé-

nero eram mais raras que o ouro, e o conhecimento musical era bebido nos corredores da escola e nos “furos” entre as aulas, ou à porta de casa, ao crepúsculo, nas tardes mínimas de Inverno.

Hoje as coisas são mais rápidas e precoces, não há admiração nem entusiasmo, basta para tal ligarmo-nos ao mundo via net e descarregados um número quase infinito de obras, na sua maioria de qualidade dúbia e desinteressante, perfeitos plágios de mau gosto inconsequente, rasgos de uma pseudo-criatividade prostituída com a indústria musical. Naquela altura havia uma espécie de delinquência saudável envolta em mistério. Não, não recordo hoje, nem exumo, como tesourinhos deprimentes, mas a pureza artística aliada à inocência da juventude.

O meu grupo de amigos, com Dário à cabeça, éramos uma espécie de adolescentes saídos do reformatório, e que visitavam a grande cidade pela primeira vez, cometendo as maiores loucuras inerentes à condição de “puto”, comendo jovens amigas de dezasseis anos, ainda frescas e intocáveis, hoje senhoras doutoras em grandes empresas, ou técnicas superiores, ou quadros intermédios na Administração Pública. Outras, como a Madalena, uma miúda gira e pequenina e esprevidada, vivem hoje da docência e leccionam para pequenitades de narizes ranhosos e com piolhos nos





cabelos aos caracóis; e custa-me acreditar o que aquela “gaja” me fazia...

Bem, avante...apanhávamos o comboio a troco de meia dúzia de tostões, e saíamos por esse “rectângulo” dentro/acima e abaixo como uma espécie de Almeida Garrett’s do século XX, vivendo na estrada fora as “Viagens na minha Terra”. Dormíamos em cubículos sem água quente nas ruas mais escuras e acanhadas da grande cidade, fosse ela o Porto invicto ou a luminosa Lisboa; e tudo isto para tomarmos nos ouvidos um dos poucos concertos musicais do ano, a que os nossos pais se permitiam a eles próprios nos deixar ver, muito a custo.

Mas, voltando ao que interessa. Estava eu com uma das miúdas, a minha preferida miúda gira e pequenina - a Madalena - comendo bolos de açúcar cristalizado numa esplanada da vila, ao sol pálido de Inverno, com as nuvens amontoando-se em negros rebanhos por cima da montanha, pesada massa imóvel, e ameaçando descarregar as vísceras sobre o pequeno lugarejo nortenho. Ao longe, saído na estação das camionetas, Dário, de longos cabelos amarelos largados no vento procurava um sítio para comer, e parecia querer entrar decidido na padaria que também vendia para fora, e servia ao balcão.

Chamei-o aos berros, ele ouviu, e veio para junto de nós. Já tinha a minha cópia do álbum em formato tape. Huummmm, que saudades, das velhinhas cassetes de fita, e de quando a fita se enrolava no walkmann ou na aparelhagem, e tínhamos que a desenrolar e

voltar a enrolar muito cuidadosamente com o lápis, para não rebaratar.

Outros amigos se nos juntaram, e nessa tarde todos bebemos cerveja barata, e eu embebedei-me e larguei umas bocas e umas lérias foleiras, e fumámos tudo o que tínhamos, as beatas dos cinzeiros, inclusive.

Ergui-me de pernas muito a custo, despedi-me do pessoal e tremendo como varas verdes na minha primeira grande bebedeira fui embora, rumo a casa. A luz daquele dia sombrio era pardacenta; o sol escondeu-se por entre as nuvens grossas, o vento levantou-se mais forte, e as primeiras gotas de chuva pesadas como pedras caíam-me na pele branca de porcelana.

Dirigi-me para casa nervoso, e só conseguia pensar em como passar despercebido aos olhos dos meus pais.

Entreí em casa pela cozinha, a lareira estava acesa ardendo num lume brando mas apetitoso. Fechei a porta para o exterior e fiz o chão de mosaico castanho do corredor em bicos de pés. A porta da sala estava aberta. A minha mãe estava sentada na poltrona e cosia meias; o meu pai lia o jornal, e tomava por debaixo dos óculos de massa a luz do candeeiro. Pé ante pé e fazendo o menor barulho possível dirigi-me para o quarto. Fechei a porta e deitei-me sobre a cama. As paredes tremiam-me nos olhos e sentia-me enjoado. Descansei um pouco, levantei-me, larguei as botas na alcatifa e despi a roupa e atirei-a para cima da cómoda. Coloquei a cassette na aparelhagem e carreguei no play. Voltei a deitar-me, por dentro

da roupa de cama, e cruzei os braços atrás da cabeça sobre a almofada. Lá fora as pesadas gotas de chuva batiam febrilmente no algeroz. A temperatura baixou imenso, afinal estávamos no Inverno. O álbum *Tales From the Thousand Lakes* dos finlandeses *Amorphis* disparava em todas as direcções, e cada música é um delírio, primeiro com a intro *Thousand Lakes* e os brilhantes teclados de *Kasper Materson* de qualidade igual à de um *Michael Nyman*; depois *Into Hidding* um verdadeiro clássico melodioso e com óptimos vocais limpos; *The Castaway* onde as guitarras fazem clara menção à música regional finlandesa; seguida de *First Doom*; e claro a sumptuosa *Black Winter Day*, um hino que dispensa apresentações onde a melodia certa e agressiva das guitarras de *Esa Holopainen* e de *Tomi Koivusaari* aliam-se com muita dignidade ao baixo de *Olli-Peka Laine*; depois *Drowned Maiden* onde há equilíbrio entre melodia e Death Metal na perfeição; seguindo-se a forte e cadenciada *In the Beginning*; assim como o é também *Forgotten Sunrise*; *To Fathers Cabin* mais emotiva com vocais essencialmente limpos e com ênfase na parte instrumental, segue de seguida; e por aí adiante... uma boa versão para *Light My Fire* do *The Doors*, na posição catorze, antecedida da maravilhosa *Moon and Sun Pt II: North's Son*.

A cassette parou. Já não me sentia tão enjoado após os mais de quarenta minutos de fantasias materializadas em notas musicais. Levantei-me e fui à janela. A chuva continuava, era Inverno. O rio Douro corria pesado e alto da chuva. Já fazia noite, e um barco Rabão carregado de vinho do Porto descia lento as águas turvas em direcção ao mar; iluminado por dois faróis; a pouco e pouco foi desaparecendo até que apenas um fogacho de luz rompeu na escuridão. Entretanto já barco não era, dissolvido que estava na penumbra do rio.

Fui para dentro, e mudei a cassette para o lado A, e carreguei novamente no play. Estava viciado definitivamente, e de novo o álbum ousado para aqueles tempos do *Amorphis*, principalmente para o já longínquo ano de 1994, onde o death-metal se encaminhava para outras paragens mais brutais, rodou uma, e uma outra vez, até que, adormeci bem para longe de tudo e de todos os problemas, naquele “black winter day” disparado no tempo.

E sentei-me, e escrevi, intimamente. •

A silhouette of a person with long hair, seen from behind, with their arms raised in a gesture of awe or wonder. They are positioned against a bright, glowing background that resembles a night sky filled with stars and nebulae. The person's arms are spread wide, with fingers slightly curled. The overall mood is contemplative and majestic.

Moon's Milk

Júlio Mendes Rodrigo

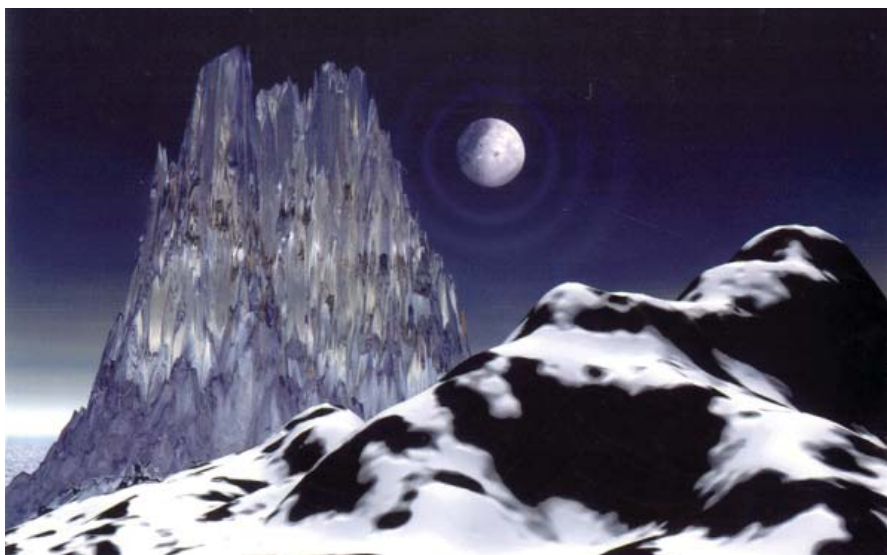


"A white rainbow (a roaring
aura)

Under an unquiet skull
(A tremulous column of air,
hanging there)

Moon's milk spills from my
unquiet skull and forms a white
rainbow..."

Coil - A White Rainbow



"Music to Play in The dark" postcard

O Tempo Sagrado e os Mitos

Roger Caillois, *compagnon de route* de Georges Bataille no prolífico período da criação da revista *Acéphale* (1936/1939), considera o Sagrado como condição da Vida e porta da Morte. Para este autor, a sociedade e a natureza assentam na conservação de uma ordem universal, que é protegida por múltiplos interditos, com o objectivo de garantir a integridade das instituições, assim como, a regularidade dos fenómenos.

A mistura e o excesso, a inovação e a mudança são temidos, apresentando-se como elementos de desgaste ou de ruína. Desta forma, a existência e prática dos mais distintos ritos almejam a sua expiação, restaurando o ordenamento que eles perturbaram, mas acabando por admiti-los, eles próprios, neste ordenamento, neutralizando as suas perigosas forças, reveladas pelo simples facto da sua intromissão, isto, num mundo que só procura subsistir no seu

ser, tranquilizando-se apenas enquanto imóvel =(morto). Através dos ritos, o Sagrado de Coesão opõe-se ao Sagrado de Dissolução. Nas palavras de Caillois,

"O primeiro sustenta e faz durar o universo profano, o segundo ameaça-o, sacode-o, mas renova-o e salva-o de uma lenta ruína."

Por seu turno, Mircea Eliade, autoridade máxima no que concerne à História Comparada das Religiões, ao dissertar acerca da *duração profana e tempo sagrado*, afirma o seguinte:

"Tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso, nem homogéneo nem contínuo. Há por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os actos privados de significação religiosa. Entre estas duas espécies de tempo, existe, bem entendido, solução de continuidade, mas por meio de ritos o homem religioso pode «passar», sem perigo, da duração temporal ordinária para o tempo sagrado."

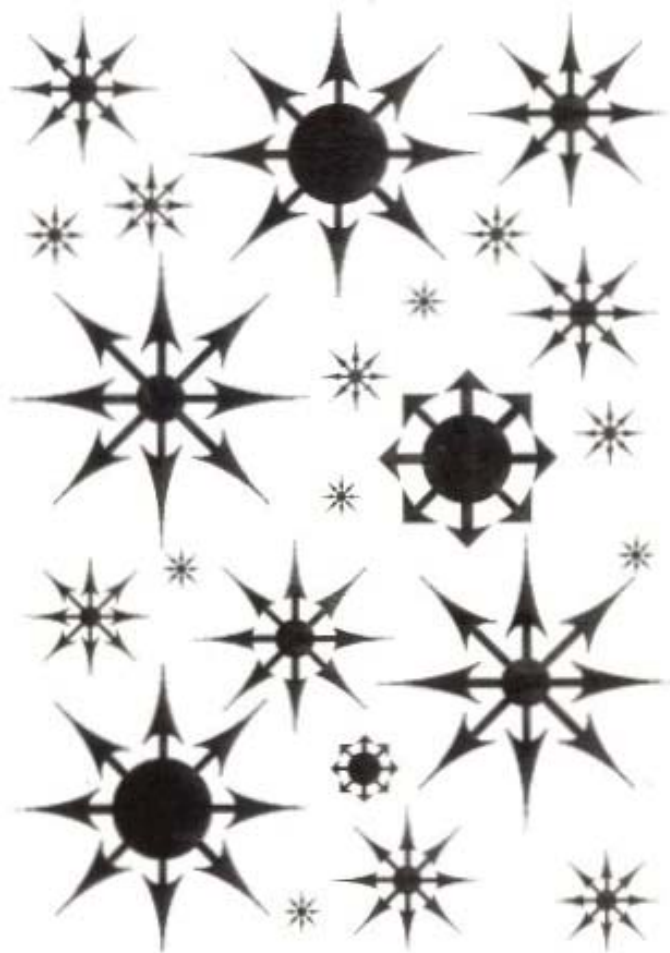
Seguindo ainda o posicionamento do supracitado autor, para o homem religioso das culturas arcaicas, o mundo renova-se anualmente, reencontrando em cada novo ano a sacralidade original, tal e qual como ela se tenha efectuado *ab origine, in illo tempore*.

Para o *homo religiosus*, a Natureza nunca é exclusivamente natural, encontrando-se imbuída de um valor religioso. Tendo sido o Cosmos criado por via numinosa, fica o Mundo impregnado de sacralidade. Ainda para Eliade, os deuses, *"manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do mundo e dos fenómenos cósmicos."* O mesmo autor, socorrendo-se da mitologia babilónica, elucida-nos acerca de alguns dos aspectos da repetição anual da cosmogonia.

No decurso da cerimónia *akitu*, que ocorria nos últimos dias do ano e nos primeiros dias do Ano Novo, recitava-se de forma solene o «Poema da Criação», o *Enuma elish*. Através desta recitação ritual, reactualizava-se o combate entre Marduk e o monstro marinho Tiamat, combate que tivera lugar *ab origine*, pondo fim ao Caos pela vitória final do deus. Segundo a mitologia em questão, Marduk criara o Cosmos com o corpo retalhado de Tiamat e criara o homem com o sangue do demónio Kingu, aliado principal de Tiamat. Esta reactualização do acto cosmogónico, entre Tiamat e Marduk, era encenada através de uma luta entre dois grupos de figurantes. A luta entre os dois grupos repetia a *passagem do Caos ao Cosmos*, actualizando a Cosmogonia. O acontecimento mítico era recuperado das memórias mais primevas, voltando a situar-se no *presente*. O combate, a vitória e a Criação tinham lugar *"naquele mesmo instante, hic et nunc."*

Nesta perspectiva, de ritualização





"Cartão de Boas Festas" assinado por John Balance, Peter Christopherson, Otto Avery e Stephen E. Thrower" 1989

e renovação cíclica, enquadrámos a celebração dos equinócios e solstícios, entendendo que é consensual afirmar que os povos de matriz indo-europeia colocavam particular atenção ao curso do Sol no céu. De forma pontualmente cíclica celebravam fervorosamente o solstício de Inverno, assim como o de Verão. Efectivamente, para estes povos, os solstícios acabavam por representar momentos fulcrais no desenrolar do ciclo anual. Inexoravelmente, no decorrer dos meses, o homem desse período podia constatar, a respiração da Natureza, que embrenhava terra e arcadas celestes numa simbiótica transformação. A ilustração da fé destes povos confirmava-se pela sua adoração do Sol e veneração do Fogo.

A festa nórdica de *Jul*, cristianizada com o nome de Natal não se limita apenas a um dia só. Representa sim, o Solstício de Inverno, o ponto culminante, a mais sagrada das noites. O homem arcaico recusava acreditar na morte do Sol, ciente da rotatividade cíclica da Natureza e da perpetuação da Vida. Todavia, na sua "infinita tolerância e espírito

de misericórdia", a igreja cristã, logo a partir da Idade Média, passou a rotular tradições e símbolos pagãos como "demoníacos". Através das plumas dos clérigos surgem as primeiras descrições relativas à bruxaria. O próprio diabo é entronizado como o «Príncipe das Trevas». Quando relatado como portador de Luz (leia-se Lúcifer), esta é considerada como infernal. A mesma das chamas onde nos círculos infernais ardem os "danados". Ainda sobre a figura de Lúcifer, neste contexto, atentemos às reflexões estabelecidas por Pierre Vial:

"Os fogos aos quais ele preside são os do sabbath, sob a forma de um «grande bode fétido», imagem «negativa» do bode de Thor e do deus Pan ou de um grande cervo, recordação do deus celta Cernunnos. O caldeirão sagrado dos druidas tornou-se o caldeirão das bruxas. Já não serve para fabricar a bebida da imortalidade, mas para fabricar filtros de morte. Os sabbaths desenrolam-se no coração das florestas, lugar de predilecção da espiritualidade pagã, e a bruxa, votada ao diabo, está rodeada de animais satânicos: os negros corvos (companheiros de Odin) e as corujas (aves de Atena, aves

de sabedoria). Olhando de forma retrospectiva para dois mil anos de História, constatamos a ambivalência desta instituição relativamente às tradições pagãs, através de uma lógica de repressão e de recuperação (apropriação). Assim se compreende a substituição do dia de nascimento de Mitra pelo do nazareno. Já Justino afirmava que os cristãos haviam usurpado o dia do Sol, "*Dies Natalis Solis Inviectus*", ou *Natividade do Sol Invincível*. Também o próprio imperador Constantino, nesta lógica de ambiguidade usurpatória, havia composto uma oração que tanto podia satisfazer os adoradores de Mitra, como os de Sérapis, do Sol e do próprio Cristo. Fazendo coincidir as suas festas com as do paganismo, "o cristianismo arrebatou-lhe assim e em proveito próprio, o seu simbolismo. O simbolismo do fogo, tão importante na tradição pagã, foi integrado na liturgia cristã." Esta era uma festividade do Fogo e da Luz, em que se celebrava o solstício através do recurso a fogueiras, archotes ou rodas inflamadas que eram lançadas nos campos. Estas manifestações ígneas constituíam verdadeiras homenagens ao astro rei, intrinsecamente veiculadas aos ritos de fertilidade, destinados a fecundar os campos. Para a melhor compreensão destes ritos, convém também assinalar que, no Oriente não cristão, bem como em Roma, também se comemoravam os solstícios. Em Alexandria, celebravam-se a 11 de *Tybi* (5-6 de Janeiro) as festividades de Osíris, neste caso em concreto, helenizado e assimilado a Dionísos. Os primeiros dias eram de luto para chorar Osíris - Sol morrendo no solstício. De acordo com Jean Hani "*representava-se a inumação do Deus, depois Isis partia à procura do esposo e, a 5 de Janeiro, na alvorada, dava à luz Harpócrates, deus do sol nascente*." Encontramo-nos pois, perante um simbolismo assente numa unidade transcendental que recorda a regeneração periódica do tempo e do mundo pela repetição dos arquétipos.

Arquétipos que se manifestaram ao longo de milénios através do mito da Criança Divina, a quem os cristãos designaram de Jesus, e a quem outros povos mediterrânicos apelidaram de Apollo, Dionísio, Osíris, Adonis, Attis e Mitra, enquanto que mais a norte, os povos escandinavos mencionavam como Balder.

Na já anteriormente mencionada obra de Mircea Eliade, "*O Sagrado e o Profano*", o eminente autor enfatizava o seguinte, relativamente ao enfraquecimento e esmorecimento do culto do astro rei, à medida que os séculos percorriam o seu lento e inabalável percurso de forma inexorável:



"O Sol é proclamado a inteligência do Mundo, e Macróbio identifica no Sol todos os deuses do mundo oriental, de Apolo e Júpiter até Osiris, Horús e Adónis (*Saturnais*, I, cap. 17-23). No tratado sobre o Sol Rei do Imperador Juliano, assim como no Hino ao Sol, de Proclo, as hierofanias solares cedem lugar a ideias, e a religiosidade desaparece quase completamente neste longo processo de racionalização."

Eliade também considera que, o mundo profano na sua totalidade, O Cosmos des-sacralizado é uma descoberta recente na história do espírito humano. Todavia, Caillois, por sua vez, quando reflecte acerca da Interiorização do Sagrado, refere que as celebrações cíclicas foram perdendo gradualmente a sua importância, logo que a civilização iniciou os seus primeiros passos, "com o início da divisão do trabalho, e mais ainda com o nascimento da Cidade e do Estado."

Importância diminuída mas não totalmente perdida como atestam as palavras de Paulo Loução, que passamos a transcrever:

"A compreensão intelectual de uma ideia atinge a mente concreta, gera o intelectualismo, mas a vivência dessa ideia atinge todo o ser, incluindo naturalmente o sentimento. Daí a importância dos rituais, por onde ainda perpassa a vida dos mitos que expressam a luz arquetípica. Daí a importância transcendente de um ser humano ter a possibilidade de viver um ideal de índole espiritual, aquando da sua passagem pela Terra."

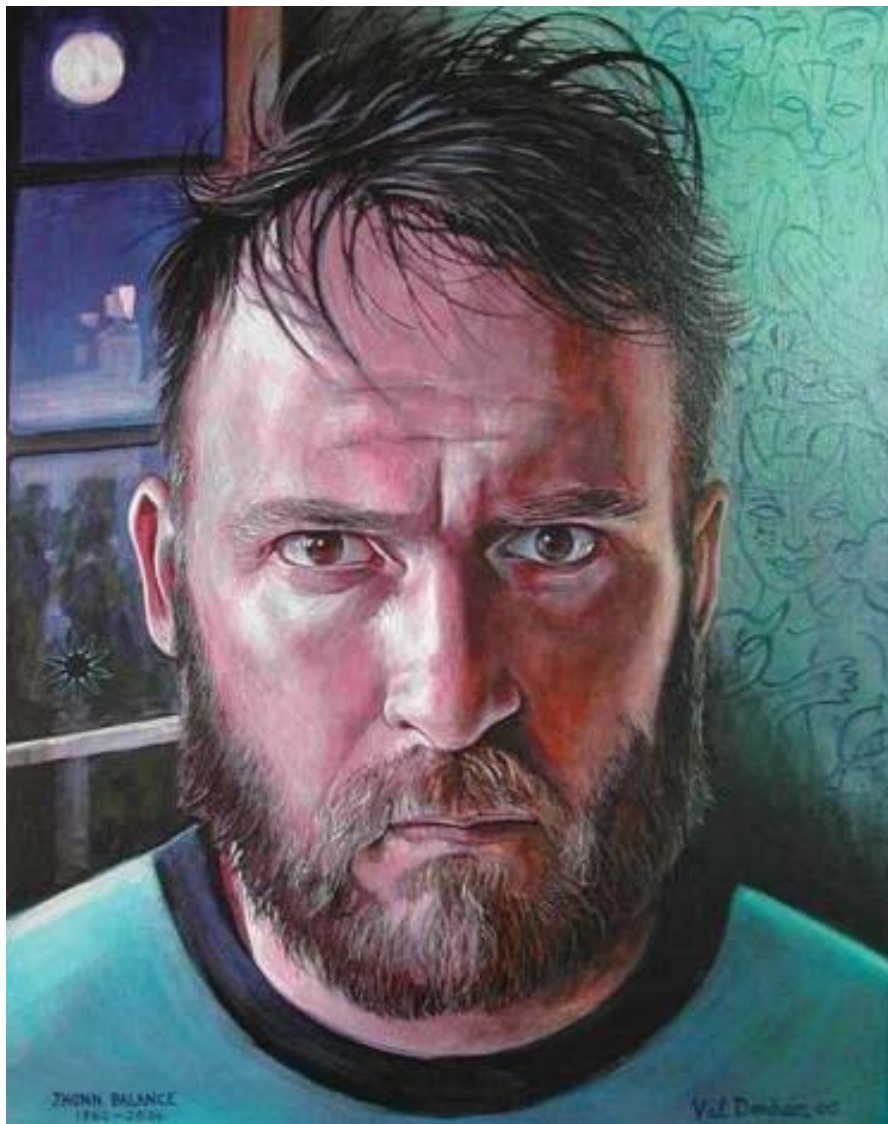
"There's Too Much Blood in my Alcohol..."

Geff Rushton, mais conhecido por John (ou Jhonn) Balance, terminou a sua existência terrena no dia 13 de Novembro de 2004, após sucumbir aos ferimentos resultantes de uma queda ocorrida devido ao estado de embriaguez em que se encontrava.

Ao longo da sua vida foram múltiplas as tentativas para combater este vício. Talvez a mais original tenha passado pela edição de uma compilação musical intitulada *Foxtrot* (1998) e que contava com a generosa participação de vários dos seus amigos, entre eles, o seu companheiro Peter Christopherson, e ainda dos seus aliados Nurse With Wound e Current 93. Jhonn Balance confessava-se desta forma:

"For many the drug alcohol can offer comfort, sociability & solace, but for the alcoholic, it eats away at the creative spirit. It traps and possesses it petrifying and rotting away the human potential..."

...I am an alcoholic. I am addicted to the chemical substance Ethyl Alcohol. It is my Demon. My Ugly Spirit. I suspect I am locked in a lifelong struggle with it."



"John Balance" por Val Denham

Quando morreu, os seus amigos, os mesmos que haviam participado na compilação com o intuito de angariar fundos que permitissem o seu tratamento, David Tibet (*Current 93*) e Steven Stapleton (*Nurse With Wound*), escreveram as seguintes palavras:

"With burning sadness and with burning sorrow we remember You as:

kindest of men, funniest of men, most intuitive of men, most incisive of men, most generous of men, a great artist, a great voice, a great visionary, a great Soul and a great Heart. Finally you were overwhelmed by it all: by all the beauty and by all the pain. You perhaps never knew how much you were loved. Till we meet again as we know we will, our dearest friend, with love always to you dearest Geff, John, Jhonn, shape-shifter and joker, in angelic form now, playing with stars in the love of God."

Sister Moon

"I take a bottle of wine and I go drink it among the flowers.

We are always three – counting my

shadow and my friend the shimmering moon.

Happily the moon knows nothing of drinking, and my shadow is never thirsty.

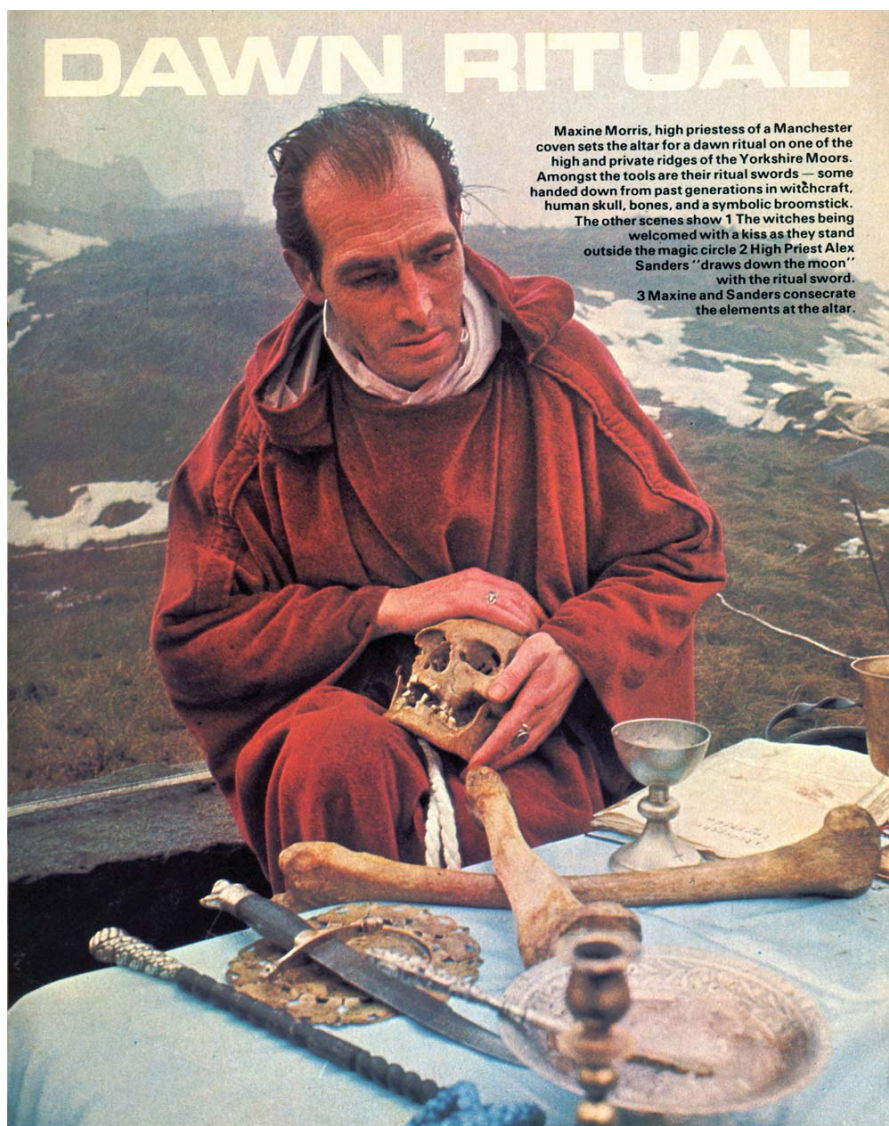
When I sing, the moon listens to me in silence. When I dance, my shadow dances too.

After all festivities the guests must depart; this sadness I do not know.

When I go home, the moon goes with me and my shadow follows me."

Li-PO (séc. VIII e. v.)

A Lua tem sido encarada ao longo dos tempos como um importante e poderoso símbolo intimamente ligado às divindades Femininas. Foi através da análise das fases da Lua, do seu «nascimento», da sua «morte» e da sua subsequente «ressurreição», que os homens tomaram consciência do seu próprio ser no Cosmos e das suas possibilidades de sobrevivência ou de renascimento. Mircea Eliade, autor já bastante referenciado ao longo deste texto, ainda na sua



“Alex Sanders”

obra “O Sagrado e o Profano”, fala-nos da existência de uma Metafísica da Lua:

“É graças ao simbolismo lunar que o homem religioso foi levado a aproximar vastos conjuntos de factos sem relação aparente entre si, e finalmente integrá-los num só «sistema».

Vale a pena ainda fazer uma extensa citação, em que o nosso autor afirma que:

“É mesmo provável que a valorização religiosa dos ritmos lunares tenha tornado possível a realização das primeiras grandes sínteses antropocosmicas dos primitivos. Graças ao simbolismo lunar foi possível pôr em relação e solidarizar factos tão heterogêneos como; o nascimento, o devir, a morte, a ressurreição; as Águas, as plantas, a mulher, a fecundidade, a imortalidade; as trevas cósmicas, a vida pré-natal e a existência além-túmulo, seguida de um renascimento de tipo lunar (« luz saindo das trevas»); a tecelagem, o símbolo do «fio da vida», o destino, a temporalidade, a morte, etc.. Em geral, a maior parte das ideias de ciclo, de dualismo, de polaridade, de oposição, de

conflito, mas também de reconciliação de contrários, de *coincidentia oppositorum* foram descobertas e tornadas mais precisas graças ao simbolismo lunar. Pode falar-se de uma metafísica da lua, no sentido de um sistema coerente de «verdades» concernentes ao modo de ser específico dos vivos, a tudo o que, no Cosmos, participa da Vida, quer dizer do devir, do crescimento e do decrescimento, da «morte» e da «ressurreição». Porque é preciso que o não esqueçamos, o que a lua revela ao homem religioso é não somente que a Morte está indissoluvelmente ligada à Vida, mas também, e sobretudo, que a Morte não é definitiva, que é sempre seguida de um novo renascimento.”

John Balance, desde muito jovem sentiu o apelo irresistível e enfeitiçador do astro nocturno. A atracção sentida perdurou durante toda a sua vida, sendo um tema recorrente em muita da sua produção artística. O fascínio do jovem Balance pelo macabro e pelas matérias ocultas, manifestou-se em tenra idade, remontando ao período em que frequentou a Escola Lord William’s in Tha-

me, Oxfordshire. Nesta escola pública, uma das primeiras com uma unidade especializada em crianças autistas, dormiam cerca de setenta jovens em regime de internato. As cabeceiras das suas camas eram adornadas por pinturas de Louis Wain.

Fazendo fé em David Keenan tomamos conhecimento que o muito jovem Geff Rushton, com 12 anos de idade, através de carta, encetou contacto com o célebre mago Alex Sanders, auto intitulado *King of the Witches*. O motivo de tal apelo em idade tão pueril, segundo o próprio Balance, consistia no facto do “coven” de Sanders se encontrar intimamente ligado à Natureza, e muito em particular pelo facto de prestar culto à Lua.

Sanders terá respondido à interpeção de John, solicitando-lhe educadamente que o voltasse a contactar assim que fizesse 16 anos.

England’s Hidden Reverse

COIL. *Who has the nerve to dream, create and kill, while the whole moves every part stands still. Our rationale is the irrational. Hallucination is the truth our graves are dug with. COIL is compulsion. URGE and construction. Dead letters fall from our shedding skins. Kabbala and KHAOS. Thanatos and Thelema. Archangels and Antichrists. Open and Close. Truth and Deliberation. Traps and Disorientation.*

Coil exist between Here and Here. We are Janus Headed. Plural. Out of time. Out of place. Out of Spite. An antidote for when people become poisons.

Coil Manifesto (1983)

Para David Keenan, autor do magistral e já anteriormente citado, “England’s Hidden Reverse; a Secret History of the Esoteric Underground”:

“...the early eighties witnessed the third great modern magic revival, following on from the late 19th century and the late 1960’s, as many of the facilitating cultural conditions fell into place.”

Este foi o período em que se cunhou a designação de música industrial, actualmente um género musical (a par de toda a infinidade de ramificações que entretanto se geraram) bastante apreciado por muitos dos que se encontram intimamente ligados a uma mundivisão mais pagã ou ocultista.

De facto, através de uma certa anatomia da melancolia, iluminada pelos raios de um sol negro, assistimos neste contexto politicamente dominado pelo Thatcherismo, à emergência de três bandas incontornáveis de toda a história da música do século XX;



Os Nurse With Wound, extensão indissociável do seu mentor Steven Spleton.

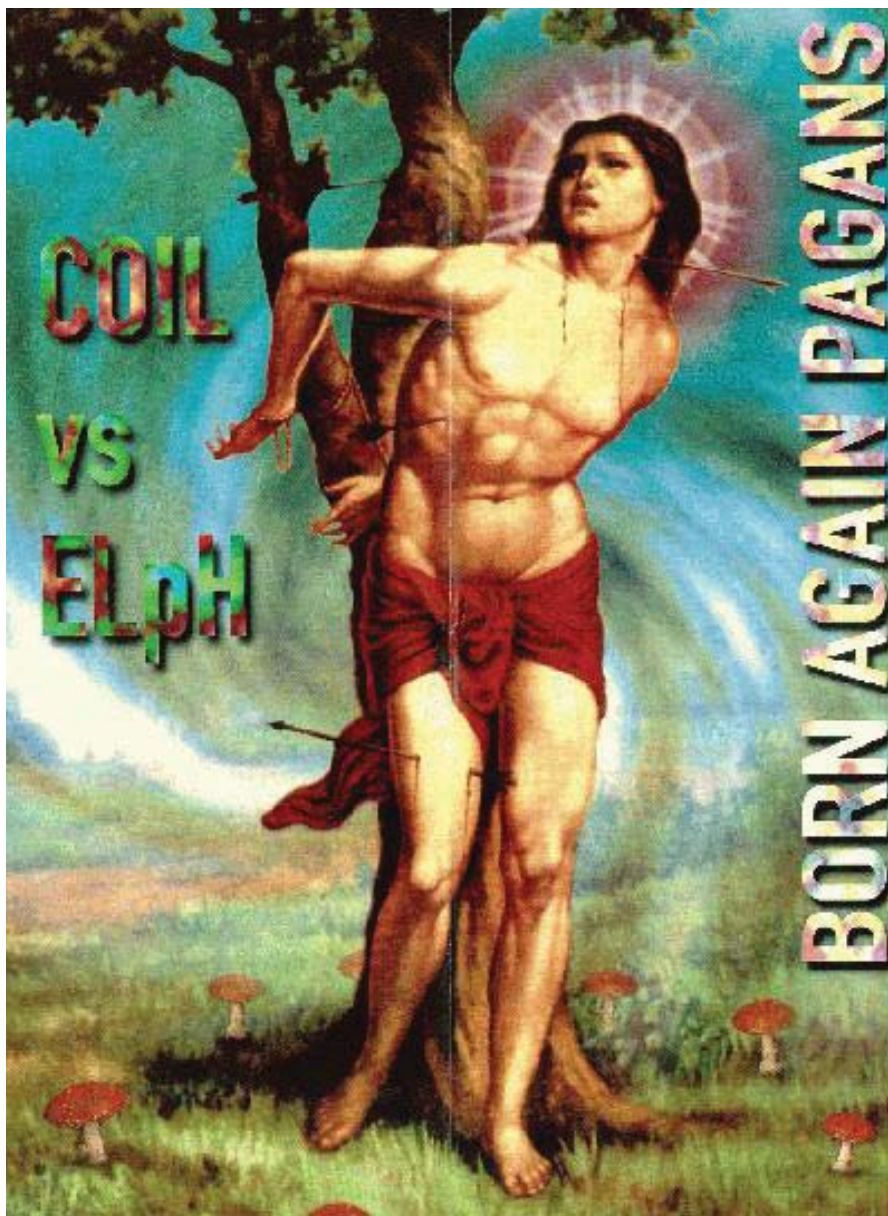
Os Current 93, veículo de disseminação estético-ideológica de David Tibet (onde se destaca entre muitos outros temas, o seu fascínio por Crowley, Louis Wain e um certo tipo de literatura decadentista e vitoriana), inclassificável musicalmente dada a diversidade de géneros musicais experimentados na sua vasta discografia.

Os Coil, por sua vez estiveram activos, curiosamente, cerca de 23 anos, remontando a sua génese ao período em que John Balance, então adolescente e mentor da fanzine Stabmental, travava conhecimento com Peter "Sleazy" Christopherson, membro dos então *Wreckers of Civilization*, mais conhecidos por Throbbing Gristle. Esta afinidade estabelecida com Sleazy levou eventualmente à participação de Balance no novo projecto pós TG, liderado por Genesis Breyer P. Orridge. Estamos a falar obviamente de Psychic TV. John colabora na realização do seu segundo álbum intitulado "*Dreams Less Sweet*".

John não terá ficado imune à influência exercida pelo aspecto mais ritualista dos Psychic TV, criando em conjunto com John Gosling o projecto Zos Kia (nome tomado de empréstimo ao culto de Zos Kia criado por Austin Osman Spare, outro grande mago inglês). Em 1983 o grupo, liderado por John Balance opta pela designação definitiva de Coil. Remonta a este período a criação do registo de cariz ritualista intitulado "*How to Destroy Angels*", muito propriamente designado como um trabalho concebido para "permitir a acumulação de energia sexual masculina".

No período decorrido entre 1984 e 1991, o grupo edita três dos seus mais aclamados discos; *Scatology*, *Horse Rotorvator* e *Love's Secret Domain*, respectivamente. Estes trabalhos abrangem uma disparidade de géneros musicais, incorporando elementos *ambient*, *industriais*, *techno* e música *folk*. Também não se coíbem da utilização massiva de samplers. As suas preocupações de cariz mais filosófico centram-se, neste período, em torno do misticismo, paganismo, gnosticismo e obviamente com um enfoque muito particular na figura de Aleister Crowley.

A partir do final da última década do século passado, até a data da morte de John Balance, os Coil, reforçaram a sua reputação de banda de culto através da exploração de novas abordagens musicais. Data deste período, uma sonoridade mais *ambient* pejada de *drones*. É o início de profícuas colaborações e do surgimento de diversos *side projects*,



"ELpH 10" poster

como ELpH ou Black Light District. À medida que John, atormentado pelos seus demónios mais íntimos, se comprazia na entrega redentora do seu corpo e da sua alma a Baco, iniciavam-se as primeiras actuações ao vivo do grupo, ao fim de quase 20 anos de existência. Paradoxalmente John, para gaudio e êxtase de todos os quantos puderam assistir a uma das suas performances, havia encontrado, finalmente, o registo vocal que mais se lhe adequava enquanto performer.

Nesta época acentua-se mais o já antigo interesse da banda em temáticas subordinadas ao Paganismo. John passa a designar-se como um Born Again Pagan, não sendo de estranhar a edição de dois álbuns ilustrativos da sua *música lunar*, por oposição a uma fase musicalmente embrionária de cariz solar, muito convenientemente intitulados de "*Music to Play in the Dark*".

Quase no dealbar de um novo milénio, os Coil encetaram a criação de uma série de singles (1998 - 1999) assente na celebração dos solstícios e dos equinócios, posteriormente compilados no disco duplo *Moon's Milk (in four phases)*, (Eskaton 23).

Winter Solstice

*This black dog has no owner
This black dog has no odour
Coil- North*

Abandonada a fase em que a banda - como outras que entretanto se afirmaram e devidamente influenciadas pelos Coil se começaram a movimentar dentro do mesmo espectro musical - tentava combinar as diferentes dimensões do sagrado e do profano nas imediações circunscritas a uma pista de dança em tons *technicolour*, os Coil optam por



uma conceptualização musical onde se encontra por demais evidente a tentativa de contribuir para uma *re-sacralização* de um mundo moderno cada vez mais envolvo e aprisionado no Deserto do Real.

Mas, quiçá, também fosse esta nova direcção, uma forma de Balance tentar obter o tão almejado Equilíbrio pessoal, através da inclusão de práticas rituais, possibilitadoras da substituição do Caos pela Ordem...

Karlheinz Stochausen (membro honorário da própria banda após convite efectuado aquando da performance de ambos no Festival Sonar em Barcelona), numa entrevista concedida em Junho de 1973, já se havia referido a uma tomada de consciência relativamente à Natureza transcendental da música.

Torna-se-nos por demais evidente constatar esta mesma tomada de consciência por parte da banda britânica. O seu último *opus*, correspondente à serie consagrada aos solstícios e equinócios, teve por tema o solstício de Inverno, intitulado-se obviamente *Winter Solstice*. A edição em CD é composta pelos seguintes temas:

1. *A White Rainbow*
2. *North*
3. *Magnetic North*
4. *Christmas is Now Drawing Near*

As músicas que compõem este *single* apresentam uma sonoridade densa, cerimonial e extremamente melancólica, roçando os limites do *drone* com um certo feeling *industrial*. O percurso finalizado nesta conceptualização haveria ainda de ser continuado de forma magnífica através da posterior fase de *música lunar* integrante dos registos *Musick to Play in the Dark I e II*, bem como através dos registos instrumentais posteriores, nomeadamente *Queens of the Circulating Library* e *Constant Shallowness Leads to Evil*.

"Moon's milk spills from my unquiet skull and forms a white rainbow..."

Finalmente, optamos por terminar este solilóquio, socorrendo-nos uma vez mais da arguta explanação tecida por Caillois, relativamente ao *Sagrado*, condição da vida e porta da morte:

"O profano deve ser definido como a constante procura de um equilíbrio, de um meio-termo que permita viver no temor e no saber, sem jamais exceder os limites do permitido, contentando-se com uma mediocridade dourada que manifeste conciliação precária de duas forças antitéticas que não



"Jhonn Balance"

asseguram a duração do universo senão neutralizando-se reciprocamente. A saída desta bonança, deste lugar de calma relativa em que a estabilidade, a segurança são maiores que em qualquer outra parte, equivale à entrada no mundo do sagrado. O homem é então abandonado a uma única das componentes tirânicas sem a acção concertada das quais não concebe forma alguma de vida, o que significa que a partir daí ele consentiu na sua perda, que ele opta por uma via teopática da renúncia ou pela via teúrgica da conquista, quer ele pretenda ser santo ou feiticeiro quer ele se dedique a extinguir em si a paixão consumidora de viver ou a ela se entregue sem restrição.

O sagrado é aquilo que dá a vida e o que a rouba, é a fonte donde ela corre, o estuário onde ela se perde. Mas é igualmente aquilo que em caso algum se poderia possuir plenamente ao mesmo tempo que ela. A vida é desgaste e perda. Ela obstina-se em vão em perseverar no seu ser e em recusar-se a qualquer dispêndio, a fim de melhor se conservar. A morte espreita-a."

"...Bachus hath drowned more men than Neptune."

Com vista ao aprofundar das temáticas abordadas neste texto poderá o leitor consultar as seguintes obras:

CAILLOIS, Roger – *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.

COIL – *Coil Manifesto*. 1983

CUMONT, Franz – *Os Mistérios de Mitra*. São Paulo: Madras, 2004.

ELIADE, Mircea – *O Sagrado e o Profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

GODWIN, Joscelyn – *Music, Mysticism and Magic*. London: Arkana, 1987.

HANI, Jean – *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, 1981.

JUNG, C.G. & KERÉNYI, C. – *The Science of Mythology; Essays on the Myth of the Divine Child and the Mysteries of Eleusis*. London: Routledge, 2002.

KEENAN, David – *England's Hidden Reverse; a Secret History of the Esoteric Underground*. London: SAF Publishing, 2003.

LOUÇÃO, Paulo – *A Alma Secreta de Portugal*. Lisboa: Ésquilo, 2002.

MABIRE, Jean & VIAL, Pierre – *Os Solstícios; História e Actualidade*. Lisboa: Hugin, 1995.

RODRIGO, Júlio Mendes – *"Out of Light Cometh Darkness" em SUMMA Techno(i)logicae*. Penafiel: Negra Tinta Editorial, 2010.

YOURCENAR, Marguerite – *O Tempo esse Grande Escultor*. Lisboa: Difel, 1994. •



First Utterance

Comus



O Solstício de Inverno é uma das datas do ano mais frequentemente associadas à magia e à feitiçaria.

No dia em que a estrela solar menos horas aquece a Terra, outro Sol apresenta-se muito mais poderoso. E *First Utterance* de Comus é um daqueles discos ideais para o contacto com uma outra forma de realidade, cujo acesso é facilitado na proximidade dos solstícios e equinócios.

Gravado entre Novembro e Dezembro de 1970, e editado no ano seguinte, *First Utterance* é um dos discos mais estranhos e aterradores provenientes do mundo da *folk* psicadélica. O líder da banda, Roger Wootton, reconheceu o uso de drogas e o seu papel determinante na escrita das canções de *First Utterance*.

O nome Comus provém da Máscara com o mesmo nome escrita por John Milton, cujo enredo se desenrola à volta do personagem Comus que engana a Senhora por forma a trazê-la ao seu palácio de prazer para ser vitimizada pela sua necromancia. Comus tenta levá-la a beber da sua taça mágica, que representa prazer sexual e intemperança, mas ela recusa, invocando pela virtude da temperança e castidade.

A música de *First Utterance* tanto é feita de fragilidade e beleza, como, e principalmente, do rodopio da demência, arrebatando completamente o ouvinte. Tanto nos obriga a parar para podermos apreciar a música dos entes fantásticos que erram pelos bosques, como a seguir nos leva a segretas e medonhas reuniões de bruxas, invocando poderosos demónios. Estas duas facetas de Comus juntam-se muitas vezes num único tema, mostrando-nos a todo o tempo o inferno no céu e o céu no inferno. É um disco simultaneamente idílico e maldito, e a música nele contida permite uma viagem pelo seu interior que deixa o ouvinte zozno no final.

First Utterance começa com “Diana”, cuja letra bem podia ser um poema construído a partir de um conto de H.P. Lovecraft, reforçando a música o horror. Na realidade, retrata um dos episódios da Máscara de John Milton Comus, com a Senhora a ser perseguida pelos bosques. E com “Diana” começa o delírio frenético por que é conhecido *First Utterance*, música mórbita para um bacanal animado.

“The Herald” é de uma beleza fantasmagórica, realçada pelo som, semelhante a um *theremin*, com que a canção inicia. A música desenvolve-se durante mais de doze minutos, com passagens instrumentais pastorais de uma delicadez imensa. A letra reforça a tristeza com versos como – “*The day advances oh so softly his shadow lengthens and his voice is mute / But clear is flute and sadly walks forward followed by the day / Herald of morning walks across the earth eternally*”.

“Drip Drip” leva a extremos a vertigem de “Diana”, e a letra debruça-se sobre sadismo e extremo erotismo (quase que arriscaria falar em certas formas de magia sexual). Vejamos estes dois versos – “*Yeah, shall I cut you down / Yes it would be a physical communion / I’ll be gentle*”; ou – “*Liquid red down your body spread / Your soft breast glistens your deep navel fountains*”.

“Song to Comus” é um feitiço em forma de música, com uma letra sobre o duelo entre a castidade e a virilidade, vencendo esta última de forma brutal – “*Comus rape, Comus break sweet young virgin’s virtue take / Naked flesh flowing hair her terror screams they cut the hair*”.

“The Bite” é o equivalente musical do filme *The Wicker Man* (saído dois

anos mais tarde que *First Utterance*). Versos como “*The rope is slung and the noose is tied and the Christian’s neck is thin / The block is raised he stands erect the rope beneath his chin / They pull the block and the Christian drops he hangs above the sin*” não deixam quaisquer dúvidas. É um baile pagão, tão alegre quanto terrível.

Segue-se “Bitten”, um instrumental que lembra sobremaneira os ambientes do filme *Nosferatu*.

“The Prisoner” encerra o disco, começando numa toada mais calma mas derrapando até ao final de loucura musical geral. Não podia de deixar de ser uma canção sobre esquizofrenia e hospitais mentais.

As edições em CD de *First Utterance* trazem ainda o single “Diana” que, além deste tema numa versão praticamente igual à do álbum (para não dizer mesmo igual), traz a balada de *folk* renascentista “In The Lost Queen’s Eye” e a belíssima balada *folk* “Winter Is a Coloured Bird”.

E fica a sensação de que neste disco as letras dizem muito mais do que parece à primeira vista. A descobrir e redescobrir, vezes sem fim. •





O INVERNO EM MIM ÍNDIVIDUO CONSCIENTE!

Lupum



Fico contente pelo convite do caríssimo Lurker, para poder derramar tinta, pois esta é uma altura marcante e como tal desta vez não poderia deixar de fazer uma reflexão muito pessoal acerca do Inverno e do que nos rodeia, apontando para o que me marca mais, enquanto ser humano crivado de sensações...

Deambularei por ali e por aqui... Perto da passagem de ano... Muito perto... Pois será neste solstício que completarei 33 Invernos! Dualidade de eus. Sons em cores quentes!

Roda viva de cheiros, de reflexões... Roda viva de vida... A minha reflexão não é só minha, é de mais um pouco do que é meu nesta altura do ano! Poderei expressar o quão gosto de uma qualquer bebida agradável e deleitar-me com uma boa película, uma música e um livro devidamente acompanhado com o som da chuva... Perdido naquele cantinho tão mono-qualquer-coisa! Época que me deixa sempre com um sentimento que é tão apreciado por mim e pelo outro eu: MELANCOLIA... A melancolia anda muitas vezes de mão dada com saudosismos escondidos, que vêm à tona quando as águas são agitadas! Intersecção de camadas!

Por estes dias, as horas são nossas e podemos olhar em frente.

Olha a chuva... A lama de tormentos... Turbilhão de pensamentos e insanidades... Fecha-se um ano? Será o princípio? É qualquer coisa que é uma extensão de querer e poder, num sem fim de probabilidades. O cheiro das plantas que se confunde com a própria noite que chega tão rápido... As tempestades, que mudam as disposições do ser humano que insistentemente deixa de querer voltar a errar... Fazem-se promessas para um novo ano... Quebram-se juras... Logo a seguir!

Por vezes passo na baixa de Lisboa e vejo um mendigo de cara lavada pela chuva... Pela tristeza que lhe cavou sulcos junto ao olhar... E penso, será que este também se lembra do que prometeu e do que deixou por cumprir? Mais abaixo aquela água tão gelada como a noite... A rua encontra-se a descansar com os candeeiros a olhar para baixo... A ver quem passa... Condensação nos olhos? Condensação nos vidros de uma qualquer montra, estagnada no tempo. Vejo o pó lá dentro, vejo as teias de aranha. É Inverno! Sou feliz com a taciturnidade que enche uma ruela esquecida em determinadas noites... Já ali bem perto, encontro a loucura a olhar para mim e a soltar uma gargalhada... Prende-se a mim, prende-se em mim! Olho mais além, para ali... Assento outros pensamen-

tos à chuva... Não estou sozinho... Vem sendo um hábito entregar um pouco de mim a mais do que mim! Já antes da entrega, estas e outras palavras, consumiam um pouco da flama que tinha para extinguir! Aprende-se a sorrir nesta altura! Gosto de sorrir nesta altura! Melancólico-dependente: Uma das minhas enfermidades! Uma das minhas paixões! Uma das muitas certezas que gosto de possuir! Não sei se existirá algo ou alguém que me mostre o porquê de nesta altura do ano reflectir em decisões passadas! Irei reflectir para cometer acções parecidas? Que a vinda de um novo ano, além da ressaca, nos traga a nossa individualidade, pois é isso que somos! E é por isso que pautamos! Ser sem obrigação de poder existir! Acreditas mais além? Acreditas que podes olhar para o tempo e imaginar... PÁRA! OLHA ALI PARA CIMA!!! ESCURO... ESTRELAS... Onde estou? Onde estás? O chão que piso dilui-se neste frio que não me larga... Por onde passo sinto o mesmo chão sujo de outra vida qualquer, deixada ao acaso, na cidade!

O Inverno lava as nostalgias... As minhas doenças propagam-se. Espirros!!! Cuspi um sem número de germes violentos em direcção ao vermelho! Olho e... Opulência dos abastados nas ruas da cidade! Por isso prefiro o





verde molhado de uma árvore qualquer... De uma planta... Da terra molhada, enquanto eu novamente agasalhado olho mais além... Protecção para o frio! Olha ali... Uma missa? Entro? Estarei louco demais para observar o que se passa? Figura desajeitada e sem pertencer ali... Talvez aquele vinho me desse mais respostas... Corro e vomito as entranhas sem sentir o cheiro nauseabundo dos pecados desta cidade!!!! Lacaios! De uma certa forma todos somos lacaios da vida! Ponho-me a caminho outra vez... Esqueci-me do brilho da cidade. Disseram-me um dia

que a infância termina quando temos conhecimento que a morte existe. Talvez a magia (!) da ignorância tenha finalmente terminado quando descobri a falsidade do Natal! Mas invariavelmente não posso estar alheio ao vazio das ruas... Ao fumo a sair das sarjetas... A fragância das castanhas e das lareiras a entranhar-se em mim enquanto uma bebida licorosa se quer juntar à festa! Odores e mais odores... Cheiro o passado e o presente!

Sento-me num sofá negro, como a noite, no meio da avenida! Experimento contemplar estes cretinos que não se

falam e nem sequer se vêem durante um ano inteiro, para depois virem com ofertas e com falsas moralidades... Nada que me possa atemorizar... Afinal somos todos Voyeurs da desgraça alheia! Todos!

Aprendi, através do excepcional Sr. Professor J. Hermano Saraiva que é mais correcto dizer que estou grato e não dizer obrigado! Por isso digo à vida... Digo ao Inverno que me viu chorar pela primeira vez que estou GRATO! Grato por ter acordado e por todos os dias ir acordando!

Sou uma cara meia (des)feita de Invernos e de transições... O Inverno é mesmo isso! Uma transição... Nem que seja uma transição no pensar... Pensar que podes fazer um pouco mais do que fizeste! Mais uma vez tomo um caminho distante em direcção ao desconhecido... Prostrado no cais do silêncio...

Ouço as pequenas pancadas de madeira podre, que a água vai trazendo. A noite ilumina a sensação amorfa... Madeira sem cheiro! Cheira-me a pouco... Cheira-me ao sorriso esboçado na memória! Perdi o sabor! Perdi este Inverno! Não que alguma vez o tivesse! Mas guardo cá dentro o seu início... Guardo o dia 21... Hipócritas que me rodeiam... Festejo o meu principal feriado, festejo o fim, a continuação e o início de mim... Como é boa toda esta melancolia que me deixa ébrio... Deixo a minha pegada na lama enquanto a dualidade se sobrepõe em mim, sobre mim! Máscaras para uns, despido de preconceitos para outros! Escultura em mais um Inverno gelado... Como é bela a noite... Como sabe bem a redundância de mim... Como sabe bem a chuva a bater-me na cara... Nos vidros... Na pedra gelada... Contudo este não deixa de ser o momento em que a vida desperta... Outras formas de vida... É hora de caminhar! É hora de roupas quentes disfarçarem as virtudes com ânsia de serem descobertas em jogos sexuais! O encanto de cobrir a nudez... O encanto de beber um cálice com Porto e degustar todo o seu sabor... Comparo-o! Que semelhança!

Esta é uma excelente altura para nivelar as minhas energias e focar o olhar naquele passo que vou dar! Afinal sou único! Mais um ano após o Inverno. Renasce, tal e qual uma Fénix, o calor na ponta de uma pena afogada em tinta... Pisco o olho de relance às máscaras que se aproximam...

"É melhor ser odiado por aquilo que somos e representamos, do que ser amado por aquilo que não sou". •



O Inverno n' O Castelo

Uma Alegoria do *Pathos* da Alma

Melusine de Mattos



"K. ainda estava no meio da neve, tinha pouca vontade de erguer o pé para afundá-lo outra vez um pouquinho adiante; o mestre de curtume e seu companheiro, satisfeitos por terem finalmente despachado K., recuaram para dentro de casa, devagar, através da porta apenas entreaberta, olhando sempre para trás, na direcção de K., que ficou sozinho na neve que o envolvia."

Franz Kafka, *Das Schloss*

Esta obra icónica de Franz Kafka tem sido analisada ao longo dos anos por diversos especialistas que a têm lido à luz da Sociologia, da História e da Psicologia. Certamente que se trata de uma obra complexa, com diversas camadas semânticas que, tal como a neve que parece ser uma constante ao longo de toda a obra, podem ser desbravadas e decifradas à luz de diversos contextos de interpretação.

Franz Kafka sempre exerceu sobre mim um enorme fascínio pela sua própria biografia. De herança judaica, cedo encontrou no pai uma figura austera e pouco acessível. Durante toda a sua vida, Franz nunca seguiu os trilhos que lhe foram designados desde a sua infância, facto que lhe valeu a conotação de *outsider* da família. Consciente

desse distanciamento e desse desenraizamento familiar, dessa negação dos valores instituídos, mostrou ao mundo *A Metamorfose*, apresentando-se a si mesmo na que foi uma das suas *personas*: Gregor Samsa, o homem que acordou insecto.

No entanto, é n' *O Castelo* que encontramos uma das máscaras mais fiéis dos sentimentos patentes em obras anteriores como *A Carta ao Pai*, *O Processo* e em muitos dos seus poemas.

K., a personagem principal deste romance, é agrimensor de profissão. Mede terrenos e delimita-os em triângulos ou rectângulos. É contratado por um conde, que nunca chega a conhecer e a quem todos obedecem com parcimónia e formalidade, denunciando um receio tácito pelas quebras das regras de conduta pelas quais a aldeia onde ele se instala se pauta.

A demanda de K. começa logo nas primeiras frases do romance que sumarizam o *pathos* interior que aqui pretendo explorar:

"Era tarde da noite quando K. chegou. A aldeia jazia na neve profunda. Da encosta não se via nada; névoa e escuridão cercavam-na, nem mesmo o clarão mais fraco indicava o grande castelo."

O leitor é confrontado com um

nome que não o é. Há quem alegue que K. (personagem já apresentada num romance anterior *O Processo*) é a inicial do próprio Kafka e eu concordaria totalmente, não fosse a herança judaica de Kafka. Se atentarmos na letra K e se pensarmos que Kafka era alemão, não podemos deixar de pensar no fonema em si. K em alemão lê-se /ka/, enunciado fonético que representa desde a antiguidade egípcia a alma. Os místicos cabalísticos polacos consideravam que o Ka era uma representação da alma e Kafka poderia ter bebido essa informação através da sua própria herança cultural. Teria, então, sido intencional a escolha desta letra apenas como inicial do próprio autor ou o seu conhecimento das tradições judaicas tê-lo iam levado a representar mais do que o seu mero corpo físico, aquele que aqui parece sempre constrito e incapaz de se auto-superar perante a severidade do Inverno?

Por outro lado, a letra K em hebraico é כ. (kaf). Kaf está associado a Kether, a primeira sefira da Árvore da Vida cabalística, a primeira emanção física do Ain Soph (do hebraico "sem limites"), o Pleroma. O nome do próprio autor parece aqui ser explorado por ele mesmo neste anagrama de sig-





nificados ocultos. Ele é o Kafka que escreve – Kaf, o que enverga a sua coroa divina de auto superação humana, e o Ka, a alma perecível.

K. seria então uma chave simbólica, gemátrica e fonética que abarca o autor e a personagem. Ela só pode ser reconhecida e validada pelo *pathos* presente na obra, essa constante tentação que é sair dos padrões da normalidade, o constante apelo a sair da ordem, a constante inquietação que caracteriza qualquer neófito num longo percurso de auto descoberta de si mesmo.

“K. estava sempre à espera que ela (a rua) tomasse finalmente o rumo do castelo e só porque o esperava é que continuava a andar; evidentemente por causa do cansaço ele hesitava em abandonar a rua; espantava-se também com a extensão da aldeia, que não tinha fim, sem parar as casinhas, os vidros das janelas cobertos de gelo, a neve, o vazio de gente — por fim, escapou dessa rua paralisante, uma via estreita acolheu-o: neve mais profunda ainda, era uma tarefa árdua erguer os pés que se afundavam, o suor brotava; de repente, ele parou e não pôde continuar mais.”

Ao longo do romance, K. tenta chegar ao castelo para conhecer pessoalmente aquele que o havia chamado ali. A certa altura é confrontado com a realidade de que os campos já estão todos medidos, pelo que a sua presença naquela aldeia é não só desnecessária, mas também indesejada até certo ponto. Na aldeia todos tinham um propósito para existir ali e naquele momento e K., impossibilitado de contactar ou mesmo de conhecer o conde (que o havia contratado), está sempre numa

posição dúbia e confusa. Ele próprio chega a duvidar de si mesmo, quando confrontado com a inutilidade de viver ali naquele momento. É aqui que se revela o *pathos* da alma. De certa forma, é a rebeldia de K., na sua constante batalha com o frio do Inverno, a neve e os funcionários do castelo que incita as restantes personagens a rebelarem-se também da sua condição de servos da moralidade e dos costumes vigentes. Nesse sentido, K. funciona como uma espécie de chama luciferina que, através da sua batalha interior, leva os outros a questionarem os seus próprios propósitos de vida e as figuras de autoridade que temem e desprezam. É interessante reparar que Kaf significa “palma da mão” em hebraico, esse símbolo inegável do destino que se revela inexorável. K. é então aquele que detém a chave misteriosa do destino de todos os que o rodeiam, ainda que estes e ele mesmo não o saibam totalmente. K. é como a serpente no paraíso, embora este seja um paraíso às avessas, no sentido em que todo o cenário invernal nos transporta mais para uma topografia dos Mundo dos Mortos, do que propriamente para uma iconografia do paraíso judaico-cristão. Contudo, K. não deixa de ser uma representação de Samael, o Tentador, que com a sua língua bífida tenta romper com os códigos de conduta, com a apatia e a absurdidade da rotina.

Recorde-se que é apenas depois de K. partir que os seus ajudantes começam a ser chamados pelo seu verdadeiro nome, como se a sua presença naquela aldeia tivesse desencadeado

uma consciência mais lata do que é a contingência da vida de cada uma das personagens.

No sofrimento físico que vivenciamos através do cansaço e da dúvida constante que atemorizam e torturam K., vivenciamos o despertar de tudo o que é toldado pelo manto de neve que impede a visão global das coisas. Neste sentido, o Inverno é a alegoria do homem adormecido, daquele que não questiona, do cordeiro sacrificial no qual o próprio autor se revê, se tivéssemos em conta todas as suas obras e a sua biografia. Mas o Inverno é também uma alegoria desse mundo de potencialidades a que me referi anteriormente. Curiosamente, os cenários inverniais que Kafka descreve com minúcia não são nunca luminosos. É como se a neve fosse mais escuridão do que luz, como se a brancura do gelo os tivesse cego a todos. K. revela-se a luz dentro do negrume da noite, pois é o único que tenta romper caminho por entre a neve, ainda que isso o leve à quase exaustão.

Por muita tinta que já tenha corrido numa tentativa de analisar *O Castelo*, creio que falta ainda uma análise esotérica deste que é um ponto de referência na literatura do século XX. Que K. venha a ser reconhecido como a pedra na roda dentada e que com isso se venha a expor a fragilidade que a humanidade tem em ousar pensar mais, fazer mais, Ser mais... ainda que isso implique mergulhar no profundo e doloroso Inverno da Alma. •



Esperanças Brancas

Mónica Sousa



*"Se não tivéssemos Inverno,
a Primavera não seria tão
agradável:
se não experimentássemos
algumas vezes o sabor da adver-
sidade,
a prosperidade não seria tão
bem-vinda."*

Anne Bradstreet

Sobre o meu ombro consigo ver as folhas ao som do vento, o ar em água que desce pela minha cara, as manhãs brancas que tanto desejei, a liberdade de um arrepio. Na ponta dos dedos sinto o húmido da manhã, o dissolver dos pensamentos, o amainar das intempéries, passo-os pelos meus lábios num devaneio de líbido, num pulsar de emoções. Tremo. Capto a luz nos meus olhos e guardo-a no meu peito como a enchente dos rios que me atraem. Os pés caem num atrofio guloso pelo quente das mãos, o pensamento reanima, os choques são frontais. A pele descola do meu ser, o desejo enche os peitos que jorram para o mundo as crias deste branco.

A neblina em cada canto prepara-me surpresas – sussurando às árvores e estas à neve, numa conspiração

sem fim. As bocas exalam o vapor de mil pensamentos guardados do Verão seco, na esperança enebriante que este Inverno seja a luz que querem alcançar.

O Sol de Inverno visita e traz uma clareza que reflecte em mim e em tudo a minha volta, uma lufada de ar gelado para completar um ciclo, para nascer outro.

A brisa passa pelos cabelos que gelam à passagem, cada cabelo se une a outro numa dança da vida, numa beleza desigual abraçando o frio como cola aquecendo os crânios e enaltecendo as faces criando o desejo.

As roupas sobre os corpos trazem um conforto que faz com que o frio seja melhor apreciado nos narizes. Fibras cobrem o corpo nu, sentindo o seu peso no conforto de um calor que não nos tira o frio, num calor que nos engana, numa simbiose lavrada pela nossa gratidão ao branco que nos leva. Os bancos escorrem àgua cristalina na campanha vitoriosa de mil exércitos de luz e de gelo, as árvores carregam a neve que das mentes brota e levam consigo as folhas cristalizadas em estrelas, os olhos percorrem a distância da neve e neles cabem todo o mundo branco da nossa vida.

As caras lavam-se do Estio, as temperaturas desprezam o quente, as mãos esfregam-se com força, os poucos graus esbarram-se contra os olhos, a saliva, engrossa, os lábios gelam, a garganta aquece com a divina leveza dos licores. Pessoas aconchegam-se, sofás completam-se, sexo consome-se, cigarros são fumados, o seu fumo con-

funde-se com o oxigénio que das pernas exalam, o quente do sexo, a humidade do corpo, a liberdade das mentes.

Inspiro a cada passo e sinto o gelo habitar-me, a voltar a mim, a revitalizar-me. Abro os olhos e põe-me alerta, vira-me contra as brisas quentes de outrora, e lança-me em mundos de tesão mental.

Corro na rua para aquecer, com dezenas de pessoas a passarem por mim encutinhadas na sua vida, olhares cruzam-se, vidas continuam. Os carros pisam o gelo, cães ladram resguardados, luzes brilham na água, àgua mora nas ruas e elas moram em mim. Cada passo, uma dor maravilhosamente agradável, cada aperto de mão um conforto, cada beijo um Verão gelado.

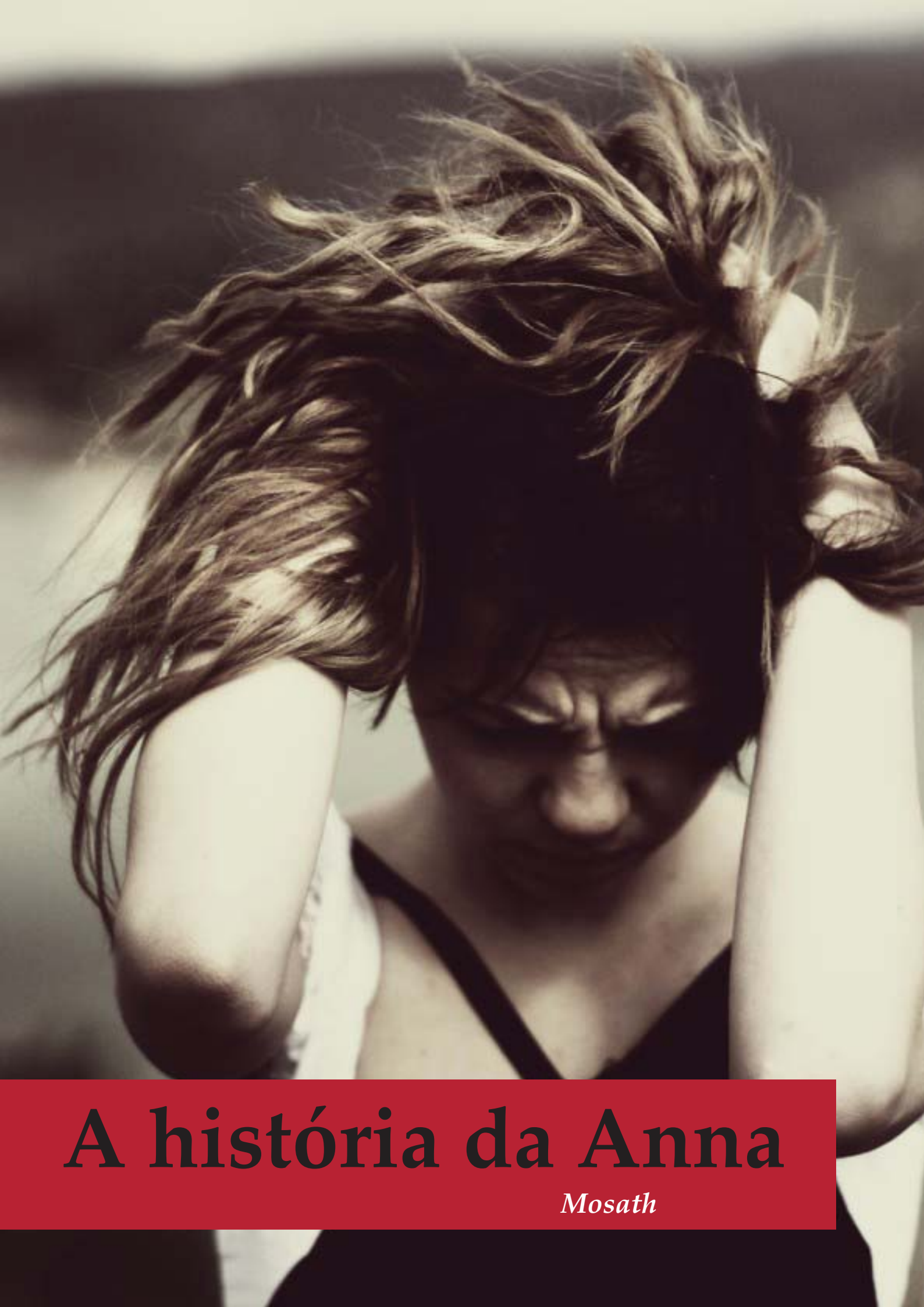
Passo a grossa porta de madeira escura, pouso as malas à entrada, caminho entre as paredes que me apertam em busca de algo que me aqueça – bebo uma chávena de café, sinto-o a descer por mim, a possuir-me, a comer a minha mente, olho pela janela, a minha mão pouso no mármore frio, captando a minha atenção nessa sensação. Dispo alguma roupa que me cobre, caminho procurando a cama que me vai adormecer. No meu leito observo toda a inércia da minha procura, todo o conforto que se revela.

Adormeço. O Inverno continua lá fora, o branco cobre a minha existência, a vida pulsa no meu ser inanimado, a perspectiva de acordar do outro lado do sonho, no caos de gelo.

Um mundo que abandonei.

Um mundo que espera a minha presença a qualquer instante. •





A história da Anna

Mosath



O Inverno começou. Dia de contar uma história que me contaram já contada por outras e para outras pessoas.

A desgraça

A Anna era uma jovem inglesa com vários problemas existenciais. No que diz respeito a isto, até que não era diferente de outras pessoas, porém, era-o na questão de, aos 28 anos, viver na rua. Não vivia, estorvava e emporcalhava... Abandonada praticamente à nascença pelos pais, os seus trabalhos precários desde os 18 anos perderam face ao fardo dos seus vícios e conflitos interiores.

Na verdade, sempre se conheceu sozinha no mundo, apesar das tentativas de ser adaptada à sociedade. Desde pequenina, que nunca experimentou o afecto e amor dos pais, por isso andou de instituição em instituição aos cuidados dos melhores profissionais do ramo da solidariedade. No entanto, o seu espírito rebelde nunca permitiu que se adaptasse a nenhum desses sítios “pseudo-familiares”. Naquilo que podia dizer-se sobre os seus familiares directos, pouco ou nada vai acrescentar-se, visto que os pais da Anna sempre procuraram ser odiados por todos os que os rodeavam, o que contribuiu para o desinteresse geral da família pela pequenina.

A personalidade fria, rebelde e intranquila impulsionava a Anna a cometer os seus pequenos delitos nessas mesmas instituições: roubos de pequenas quantias em dinheiro, jóias e documentos a funcionários, quebra de objectos e elementos de decoração e, igualmente, ataques à integridade física. De sarilho em sarilho, de castigo em castigo, a Anna foi crescendo, tornando-se mulher e não permitindo à sua própria mente estabelecer qualquer objectivo para a sua vida. A capacidade de diluir-se no nada, no erro e na insatisfação apática, era mais forte em directa comparação a clarões de mudança ou correcção.

Naquele dia de Inverno, lá estava ela. Deitada. Como podia, deitada...

Acordava de um sono distorcido, curto e gélido, na soleira da porta de uma loja de perfumes. Apesar de já ter trabalhado um ou dois anos em casas de pessoas da alta sociedade, em limpezas e, por vezes, em jogos sexuais com os patrões, com direito a quarto e mínimas condições de conforto e

higiene, o seu ser nunca esteve muito afastado do cheiro e das comodidades particulares das ruas londrinas; qualquer tempo em trabalho doméstico era irremediavelmente mais fraco ao tempo que ia vivendo como sem-abrigo, envolta em vícios, coberta de culpa e vergonha, sem dinheiro, sem perspectivas. A Anna diluía-se e assim diluía a boa vontade que algumas pessoas possuíam ao pretender ajudá-la e esse era, provavelmente, o seu pior tom. Sem-abrigo e sem humildade.

Levantava-se a muito custo, afastando o velho e esburacado cobertor verde. A manhã registava 08h e o céu encontrava-se decorado com espessas nuvens de Inverno, curiosamente pálidas, semelhantes à cara da Anna. Pálida, inchada e de expressão distante. De pé, exibia o seu corpo de média estatura. Os seus longos cabelos louros emprestavam-lhe um ar de menina, mas a sua pele apenas transmitia um sentimento de ruína, desleixo e problemática reacção, além de que dava um mau aspecto a quem olhasse ao passar por ela. Os olhos da Anna eram muito azuis e muito brilhantes, atraindo toda e qualquer atenção; simplesmente as pessoas, imediatamente após deslumbra-rem os seus olhos, desviavam o olhar do estado e das roupas porcas da Anna. Os lábios estavam sempre magoados e secos como bagos de uvas pisados no chão. E, em total oposição ao interior da loja, cuja soleira lhe dava o aconchego nocturno possível, infestada de doces aromas, perfumes e cheiros, o odor físico da Anna era nefasto, pesado e fazia lembrar uma zona mais degradada de um qualquer jardim público.

Começa a caminhar pelas ruas e vai esticando as suas mãos trémulas às pessoas. Trabalhadores, crianças e adolescentes, turistas e até freiras. A forma como pede é, alguém podia dizer, autoritária, presunçosa e irritante.

Todos os elementos da vida da Anna iam desaguar num único mar: o do roubo. Frequentemente, entre as 18h e as 19h30m, caminhava até determinadas mercearias recônditas e com pouco movimento, para aí, seguindo passos mais ou menos planeados, roubar e até destruir coisas nas prateleiras desses pequenos e honestos negócios. Ao fugir, uma ou outra coisa caía, mas,

raramente, chegava a um outro ponto de segurança, longe dos proprietários roubados, sem comida.

Fumava pontas de cigarros. As suas necessidades eram feitas em casas-de-banho públicas ou, por vezes, urinava num qualquer arbusto. A erva que fumava, arranjava-a de um gajo com uma peculiar mania ou tara que a fornecava, troca por troca, e era nessa altura que ela podia ter um banho decente e fumar à vontade, sossegada. Deitada, nua, satisfeita, fumava a sua erva. Segundos de relaxe. Segundos sem qualquer ideia ou vontade novas. Vestia, então, novamente a porcaria das suas roupas para voltar ao lado real da sua rua – a corrosão –.

Lúcifer em Londres (Current 93 – Lucifer Over london)

Estava a Anna, num fim de tarde, encostada a uma parede de uma casa velha e baixa, quando começou a ouvir uma música peculiar, forte, quase hipnotizadora. Nunca tinha ouvido aquele tipo de música, mas permitiu-se a acompanhar o ritmo da música e a prender na cabeça a sua letra, do melhor modo, cuja voz vibrava assim:

“The twisted wings and cluds unfold / And the greatgape of He who fell / Makes darkened shadows over pointed spires / Little children point and sing / And little children run and dance / Over there the setting sun / And under that the silent stars / And under they the weeping sky / And under Her the laughing world / (Balance sits in western parts / And piles spare Spires in his gabled room). / Great Anarch and Monarch of Not / The Flight of Lucifer over London / And my little grandson / Wrinkled son forehead / All tiny blue pain / As the Mother Blood emerges / Then the Mother Grief / And the Blue Gates of Death / Open armwide / Open teethwide / All dead like the leaves / Old times shiver / Old dead calendar / Past blurred sunsets / Cinders flying in His heart His heart / His fingers punch holes in the sky / (And all the little Christs I count / Are covered in the breathwhite snow / And all the little Christs I call / Are laughing through the green green fields). / Some of those angels have the face of God / And some of them have the face of dogs / (By the Tower of Moad - see the sky's Greenangel form). / And lucifer flickers all around me / His hooded eyes alight / In the smoky musk / Look into Him just a little longer / See the true face of the Moon So He wheels there through the heav-



ens / His eyes are dotted brightlights
/ Licked with dust / A golden seabird
/ Halfdead with spray / His banners
broken flags in the wind / Devour-
ing life he breaks at walls / The glint
of dead fruits glint. / And then the
Moon... / And then the Moon... / And
then the Moon..."

A epifania

Terias de ter uma cabeçorra grenha
e cornos
Como os meus para seres como eu. Mas
dizem
Que somos como dois ovos... Dizem as
mulheres
Que falam ao calhas."
(...)
"Alias-te ao irreal e ao nada te associas.
Mas acredito que consegues ligar-te às
coisas..."

Shakespeare

Desde que ouvira aquela música, os
seus quotidianos passaram a ser mais
curiosos, como que o olhar tendesse
para se deter em determinados pontos
e objectos, de um jeito mais prolonga-
do. A assumpção disto mesmo é que a
Anna passou três dias seguidos pelo
Royal Albert Hall, jurando sempre que

não era por ali que pretendia seguir, e
o seu olhar era automaticamente suga-
do para o cartaz principal. Toda a sua
essência de sem-abrigo, se é que existe
tal denominação, congelava diante do
cartaz da peça em exibição, curiosa e
freneticamente. Pensamentos e duali-
dades.

Naquele quarto dia, sábado às 19h,
chovia desalmadamente, vento forte,
tristeza no ar. A Anna apanhou uma
ponta de cigarro e, tirando um isquei-
ro do bolso dos jeans rotos, acendeu-a.
Aspirou praticamente uma dúzia de
vezes, abrigada num dos lados daque-
la sala de espectáculos londrina, e logo
decidiu penetrar naquele lugar. Pu-
xando os seus estratagemas, das suas
dissimulações e da sua estatura, furou
por um aglomerado de pessoas que
estavam numa das linhas de acesso à
sala da peça teatral e escondeu-se, cal-
mamente, numa das galerias privadas.
Uma sala luxuosa de espectáculos não
podia ser pior para se esconder do que
um arbusto largo de um jardim pú-
blico, enquanto defecava ao ritmo da
quedas dos primeiros flocos de neve.

A peça em cena: "O Conto de In-
verno", de Shakespeare.

O maior dramaturgo de todos os
tempos criara esta obra inaudita. O

conto que a Anna via, que estava a
conhecer, foi escrito entre 1610 e 1611,
tendo também sido uma das últimas
peças da dramaturgia shakesperiana.

A Anna começava a ser dominada,
envolvida, por uma atmosfera de fan-
tasia e inverosimilhança, peças do pu-
zzle que apelidam de "comédia". Este
conto insere-se na tradicional história
ou lenda antiga de duendes, fantasmas
ou outros espíritos, daí a sua fantasia
que balança constantemente entre os
domínios do palpável e do etéreo. A
Anna observa...

"Associado ao drama pastoral tra-
gicómico, em referências cruzadas,
apesar do seu hibridismo, um estatuto
de crescente credibilidade nos códigos
poéticos renascentistas. Resumo de
profundas alterações na monarquia
[na vida], convulsões político-religio-
sas [cultural-sociais].

Enredo intrincado, suspense. Rela-
cionamento das personagens. A acção
descreve um movimento que, partindo
do amor conjugal e da amizade frater-
na, se desenrola num processo de ciú-
me, injustiça, crime e expiação doloro-
sa, para finalmente reencontrar o amor
e a amizade, na reconciliação de todos
os antigos erros e todas as antigas di-
ferenças.





Entre Leontes, Rei da Sicília e Políxenes, Rei da Boémia, existem laços de amizade quase fraterna que nascem da infância e juventude e se estendem ao momento das famílias e dos reinos se verem como verdadeiros irmãos. Por suspeita de infidelidade com o Rei da Boémia, em cegueira de ciúme, Leontes passa a odiar Políxenes, assim como repudia em julgamento público a própria Rainha, Hermíone. Contraria o veredicto do oráculo de Apolo. O príncipe Mamílio, ainda criança e único herdeiro ao trono da Sicília, morre com o desgosto pelo castigo injusto que a mãe sofre; por sua vez, anuncia-se igualmente a morte de Hermíone que, ao dar à luz prematuramente uma menina, não é capaz de suportar o vexame da desonra. Por ordem do Rei, Antígono, dedicado fidalgo da Corte de Leontes, abandona a princesa recém-nascida num local ermo da costa da Boémia. À semelhança de antigas lendas mitológicas e dos contos de fadas, a criança é salva miraculosamente por pastores, que a adoptam. À entrada do IV Acto, acelera a acção em dezasseis anos, encontrando-se o Príncipe Florizal, filho de Políxenes, apaixonado pela filha do pastor, Perdita, sem suspeita de identidades. Em encadeado astuto de incidentes, sob comédia e controvérsia de uma figura, os dois fogem apaixonados para a Sicília, em busca do apoio de Leontes, o qual incrivelmente repeso pelos seus erros, descobrem-se identidades e parentescos. O passo final para a reconciliação e o restabelecimento da ordem perdida. Cena incrivelmente dramática, índices de expectativa e de temor, surpresa e incredibilidade são levados ao limite. A cena da estátua, V Acto: Hermíone, volvidos dezasseis anos, apresentação na forma e na pose de uma estátua, perante quem de há muito a julgava morta, como é o caso do marido e da filha, que nunca chegara a conhecer a mãe. Num misto de prazer lúdico pela magia dos encantamentos e de desnudamento céptico pela fé artificial que lhes subjaz, Shakespeare serve-se da personagem de Paulina, aia sempre fiel da Rainha, para fazer a estátua “regressar” à vida e falar. Mais do que qualquer senso recriminatório quanto à inverosimilhança da cena em palco, de imediato desmistificada no envolvimento sobrenatural que parecia dominá-la, prevalece a intensidade, o efeito psicológico que a representação teatral comunica para as plateias, a amplificação hiperbólica para os fins em vista.

Enraizado na tradicional simbologia das estações do ano para estabe-

lecer correspondências e paralelismos com as sucessivas idades da vida humana, O Conto de Inverno envolve-se num clima de mistério, na liberdade que os domínios do maravilhoso e do fantástico concediam à imaginação, narravam as mais diversas e empolgantes aventuras, todas elas centradas em temáticas amorosas, repletas de peripécias invulgaes.”

“(O Conto de Inverno”, Campos das Letras)

Aplausos. Pessoas de pé. Correntes de ar em júbilo mergulhavam pelos cantos da sala. A Anna sorriu. Sentia-se entusiasmada e, praticamente, agradece a si própria por ter entrado ali. Depois, a Anna moveu-se por entre o mar de pessoas em direcção à saída. Ao seu mundo. O caos estava a estalar, mas de modo fugaz cada pessoa começava a poder ver o céu da noite, visão de tranquilidade e de retorno à vida real, e nem o odor desagradável da Anna produzia um mal-estar ou uma expressão de desagrado, narizes torcidos, a ninguém.

A Anna caminhava agora para Este, absorta em irrequitos pensamentos, frescos e desassossegadamente confortáveis, não conjecturando, quando do saco aberto de alguém de um grupo à sua frente esvoaçou uma folha de papel colorido, cujo conteúdo literário era francamente perceptível, vindo parar pés da Anna num daqueles movimentos bruscos. O título, em letras garrafais, era “A Vida de Mary Read”. Desconhecia absolutamente. A Anna olhou para a frente, para o grupo de onde, provavelmente, a folha de texto proveio, mas o mesmo tinha desaparecido. Olhou, rapidamente, pelo seu ombro direito, constatou que nenhum transeunte a acompanhava e permitiu então às suas tépidas e aleijadas mãos apanharem o sólido com texto.

Aquela noite, que podia ser igual a tantas outras, fora, contudo, bem diferente. A Anna passou as horas nocturnas a ler o texto, auxiliada pela luz de uma velha lanterna que roubara de um armazém pouco vigiado, maravilhando-se com aquela história, que em vagos e estranhos segundos, a inundava de contentamento e fazia com que se identificasse com a protagonista... a história relatava a vida de Mary Read, uma inglesa que teve a sua quota parte como pirata, uma história repleta de aventuras e desventuras.

A sua mãe casou jovem com um homem que fazia do mar a sua profissão e que, tendo embarcado numa viagem

pouco depois do casamento, a deixara grávida, com uma criança que veio a nascer rapaz. O marido, não se sabe se naufragou ou morreu na tal viagem, mas o certo é que a mãe de Mary não perdeu grande tempo até ficar de novo de esperanças. Despediu-se de toda a vizinhança e todos os conhecidos do seu marido, dizendo-lhes que ia viver para o campo, procurando a tranquilidade correspondente. O seu filho acabou por morrer pouco tempo depois, mas então nasceu a Mary, na segurança do campo. Infelizmente, a mãe de Mary não iria aguentar muito tempo lá, pois o dinheiro terminaria após quatro anos. Logo, voltaria a Londres, pedindo ajuda à mãe do seu marido, a qual acedeu calmamente. Como a mãe de Mary não pretendia ferir as susceptibilidades da sogra, vestiu a Mary à rapaz, para que a sogra pensasse que se tratava do filho que tivera com o seu marido, antes deste desaparecer no mar. A sogra concordou em atribuir uma coroa por semana ao pequeno, à Mary, mas praticamente não existiria convívio entre as partes. Em breve, a sogra faleceria e a mãe de Mary e Mary foram lançadas a outros tempos difíceis de sustento. Mary, consciente de guardar o segredo que a mãe começara, foi trabalhar para uma dama francesa, na qualidade de laçao. Tinha então treze anos. No entanto, não aguentaria muito tempo lá a trabalhar, o seu segredo de ser rapariga aguentou. Mary dominava uma personalidade ousada e forte e uma mentalidade errante e desassossegada. Tempos mais tarde, empregou-se ao serviço de um navio de guerra. A seguir, empregou-se num regimento a cavalo, onde desempenhou as funções com grande eficácia, facto que lhe concedeu o reconhecimento e admiração por parte dos oficiais. Entre os seus camaradas, havia um, Fleming, que a atraiu, vindo rapidamente a apaixonar-se pelo homem. Com esta situação, a Mary veio a negligenciar os seus deveres. Numa certa noite, estando os dois deitados numa tenda, ela arranhou forma de ele descobrir o seu verdadeiro sexo, sem ser demasiado óbvia de que a revelação do segredo era propositada. O soldado havia de surpreender-se, mas sorriu ao pensar que era uma mais-valia, já que teria uma amante só para si, gozando do facto de ninguém mais saber, podendo, logo, Mary e Fleming continuar com o segredo perante os camaradas e oficiais. Em relação às investidas apaixonadas e sexuais de Fleming, todavia, Mary revelou-se bastante modesta, mas em pouco tempo o soldado trocava promessas de casamento com ela e, assim feliz, entregou-se a ele completa e ardentemente. Após o casa-



mento, ambos revelaram a vontade de largar o serviço militar. Depois de alguma bonança e amor, o soldado-marido morreu e, com problemas financeiros e viúva, Mary havia de se aventurar pela Holanda, empregando-se num regimento de infantaria. De lá, entrou num navio com destino às Índias Ocidentais, à procura de fortuna. O mesmo navio seria capturado por piratas ingleses e, Mary, sendo inglesa, foi levada pelos piratas. Depois desta actividade de pirataria por algum tempo, Mary e a restante tripulação aproveitaram os benefícios do perdão do Rei, rendendo-se pacificamente. Infelizmente, o dinheiro voltaria a escassear e quando ouviu dizer que o Capitão Woodes Rogers, Governador da ilha de Providence, estava para juntar alguns corsários que partiriam em investidas contra os espanhóis, Mary embarcou e integrou-se decididamente, não lhe importando a forma de fazer fortuna. O segredo continuaria. Passando por provas para conseguir manter o seu sexo disfarçado, roubando, pilhando, vivendo em deboche, apaixonando-se a bordo e apreciando episódios vários e lugares, Mary fez fortuna e evoluiu a sua personalidade. O seu julgamento seria o ponto final na pirataria, mas após ele acontecer, a protagonista inglesa veria outras coisas

além da linha do horizonte marítimo, encontrando-se a si mesma na fertilidade da terra firme.

A Anna levou a folha de papel ao peito e, satisfeita, fechou os olhos. Fez uma leitura, depois duas, a seguir uma terceira leitura e, no fim, releu umas quantas vezes. Ocupara a madrugada a ler aquele pedaço de texto que tinha sucumbiu, dançando com o vento, aos seus pés. Os seus olhos enchiam-se de contentamento, as pilhas da lanterna começavam a enfraquecer, o coração aquecido, a alma relaxada, enquanto o dia já ia trazendo alguma luz de Inverno à cidade. A chuva encantava o Tamisa, pesava nos tectos e nas flores da cidade e as pessoas começavam as suas rotinas matinais. A Anna continha, naquela manhã, um timbre mental diferente, devido à teatralização que assistiu no Royal Albert Hall e, inflexivelmente, ao texto da folha colorida que leu. Despachou-se até uma praça próxima para começar o acto de pedir.

A praça era composta por edifícios com pequenos negócios, restaurantes e escritórios. Havia muitas pessoas a passar pela zona onde os pedintes gesticulavam com muita sofreguidão. Os agentes de segurança pública, concentrados em frente a um edifício da

praça, conversavam e, por vezes, comentavam a forma mentecapta como aqueles sem-abrigo interpolavam os que passavam com dinheiro nos bolsos; riam-se quando um dos sem-abrigo, muito convicto do estatuto social e das capacidades financeiras da carteira do homem na casa dos trinta anos a quem pedia, se lançou aos seus pés a chorar. Naquele pedaço de praça, viam-se igualmente dez sem-abrigos, mulheres e homens, a lutar incansavelmente por umas moedas ou peças de fruta.

A Anna estava lá pelo meio, mas o seu espírito estava a associar-se e a não associar-se àquilo, no geral, ao instinto de sobrevivência daquela gente perdida e suja. A fome. A maldição. Os olhos da Anna não chegavam para convencer ninguém, pouco chegavam para transmitir uma humildade e uma total ruína e um desespero com necessidade de ajuda, portanto quase ninguém lhe concedia meia dúzia de segundos e ninguém, por outro lado, lhe deu mais do que uma banana. Podre. Estranha. Rejeitada. Uma chuva ainda mais intensa e disciplinadora derrubou-se sobre as testas e as cabeças dos sem-abrigos. A Anna continuava com as mãos abertas, as palmas das mãos cheias de cortes e



feridas, mas nada obtinha senão gotas gordas e gélidas de chuva. Vento cavernoso. Rufos interiores. A confusão de pessoas a passar e as mãos em suplício redundante. E, felizmente, no cérebro da jovem Anna começou a tocar uma música pouco nítida, uma música inquietante com uns toques que lhe latejavam as têmporas e, em simultâneo com uma moeda vinda de umas mãos brancas e com as unhas por arranjar, iniciou-se uma letra dominante de supremacia sensorial. Lúcifer sobre Londres. A Anna lembrava-se da música, de onde a ouvira, e um calor confortável começou a preenchê-la, de forma lenta mas reveladora da magia que estava a acontecer. As suas mãos sacudiram o cabelo mal tratado e molhado, depois pegaram na folha de papel colorido, amarrotado e a ser consumido pelas gotas de chuva, e começou a reler. No fim da leitura rasgou-o, entregando os bocadinhos que não caíram no chão a um dos mendigos. Ao passar por um homem de pasta e canetas que dela espreitavam, insinuou-se e tirou-lhe uma das canetas. Ficou a olhar o homem e a sua pasta a afastarem-se, enquanto levava a caneta à boca... o sabor desconhecido da caneta! A chuva que se esbarrava nos rostos dos transeuntes e no focinho das ruas cheias de barulho e stress. Um momento lúcido fluiu no interior da Anna: uma epifania: ia começar a escrever.

A Anna ia passar a sentar-se a escrever o que fosse mais parecido com poemas, sentada a escrever para um mundo que continuaria a ser o que sempre foi. A Anna daria às pessoas alguma coisa: poesia. Um bocado de inspiração e as pessoas iam oferecendo moedas e notas em função disso, se quisessem, num mundo em que parece que nada mais é obrigatório, onde as disciplinas cavalheirescas amarelecem.

A vida e as artes estão apaixonadamente ligadas por uma veia transformadora. Quando a sentimos, o sangue dourado da criatividade urde uma maratona. Nenhum olhar será nefasto como dantes, porquanto Anna sentada na sua imundice e na sua má aparência material começará a escrever as belezas da alma e da consciência poética que transporta a sensibilidade de uma sociedade. Quem poder ser grande, possa não ter qualquer vergonha e o seja. Mesmo à chuva e sem *Chanel 5*.

A Anna repetiu para si própria: vamos fazer isto, mas vamos fazê-lo correctamente. A Anna passou a estar num outro sítio, em cima de uma saliência de cimento. Pedia folhas de

papel a funcionárias de papelarias e a advogados. E as pessoas que passavam por ela, viam-na com vários pedacinhos de papel escritos. Eram poemas e eram da sua autoria. Quadras. Poucos versos. Ou sonetos. Poemas curtos e alguns maiores.

Os poemas continuam a ser escritos pela Anna e as pessoas passam e agarram em algumas quadras para começar a lê-las. Muitos dos seus leitores de rua pedem-lhe permissão para levar uma ou duas quadras e a Anna diz que sim; outros vão às carteiras fartas e deixam moedas por vontade própria e outros, simplesmente, param a apreciar o ofício da jovem sem-abrigo. Há alguma coisa de muito bonito e excitante, quando as pessoas se permitem a fazer algo, logo depois que a sua mente pensa em tal: um impulso mas um impulso inteligente com ramificações construtivas.

A Anna continua a beber, a fumar e a ter prazer com quem lhe dê alguma coisa em troca, que seja útil para ela, mas passou a escrever poesia com olhos e mãos de quem foi enorme-

mente influenciado por uma peça de teatro, por enigmas musicais e por nomes aparatosos. Os seus olhos serão sempre azuis, mas brotarão todas as cores que os seus poemas possam colorir e tapar, desde os que referem a pirata Mary aos que referem o Conto de Inverno. O Inverno, personagem principal no palco da história da Anna, trabalhou em função da Anna, a qual, um dia abandonada e em ruína, passa a caminhar de modo diferente, passa a criar algo novo para si própria e para outros e, assim, faz sublinhar a provável verdade global de que um detalhe a que não se dá importância pode virar uma grandeza famosa.

Todos os Invernos assistem às nossas jogadas neste grande jogo da vida. E participam directamente, porque sob eles mudamos, perdemos e ganhamos coisas. Um Inverno significa que será substituído por uma Primavera, mas, fundamentalmente, significa que mudanças estão para acontecer já. Vão ao teatro! E é melhor estarem atentos. A Anna estava e foi. •





FELIZES PARA SEMPRE

Naive



*Uma gota de chuva caiu-me
no cabelo, ao trovejar da aurora
invernosa...*

...que de nuvens cinzentas, carregadas de negrume, se emancipava numa tarde longínqua de Dezembro, e uma brisa gélida acariciou-me a face, como uma lâmina a querer desfazer-me os pelos do rosto. A pinga de água humedeceu-me o couro cabeludo, seguida pelas outras, mais intensas, que me deslizaram pela nuca abaixo, passeando pelo meu pescoço, e irrompendo-me pelas costas, até se dissolverem nos meus poros cavernosos. No entanto a primeira gota foi especial, porque desflorou a virgindade da minha pele quente, provocando-me um arrepio corporal que me contagiou os sentidos inebriados pela fria temperatura então sentida daquele choque térmico. Mais gotas e mais brisas avassalaram o meu corpo detido na enxurrada que se formou, enquanto o meu olhar incandesceu de encontro ao teu, por entre chuva dessa madrugada invernosa.

As palavras cristalizaram na minha boca. Talvez fosse do frio que me escamava os lábios. Talvez fosse do nervosismo que me dava nós na garganta, ou da esquizofrenia da minha língua a querer processar verbalmente pensamentos caóticos que se atropelavam na minha mente. Estava mais preocupado em que o ar glaciaria continuasse, da forma ofegante que eu o respirava, a oxigenar as células da minha loucura. Podia ter-te feito um sinal, mas os meus gestos estavam mumificados na minha paralisia corporal. Podia ter forçado um movimento, andado, corrido, ou mesmo gatinhado até ti, mas o chão fugia-me dos pés, e não suportava a vertigem do próximo passo, nem a abissal perspectiva de me afundar na próxima poça de água, de tão diminuto que me sentia perante a tua presença de frente dos meus olhos.

Tu olhaste-me pela última vez nesse momento, desdenhando a minha falta de coragem, e sumiste-te por entre a escuridão com um sorriso de escárnio nos lábios, que me ficou cravado na memória. Podia ter sido mais forte, não fosse o espectro da tua presença a moldar a fraqueza dos meus instintos. E nunca mais fui o mesmo. Tornei-me irreconhecível para mim mesmo, se alguma vez cheguei a conhecer-me, e não fora antes aquele momento a revelar-me o verdadeiro âmago do meu ser.

As minhas noites tornaram-se perturbadoras, assombradas pela lembrança do nosso encontro. Tinha pavor em adormecer. Sustinha as pálpebras até à vermelhidão, e mal elas cediam ao ardor, tocando ao de leve a outra margem dos meus olhos, um susto arrebatador elevava novamente a escuridão do meu olhar, e um clarão nebuloso mantinha-me desperto. Em desespero decidi então pegar na minha lâmina de barbear, e com uma lenta incisão, cortar uma das minhas pálpebras, depois a outra, e uma cascata sanguínea inundou-me os olhos.

Avermelhou-se ainda mais o horizonte da minha visão, a descoberto das suas cortinas, e um corvo pousado na minha janela veio faminto a debicar nos meus olhos. Em defesa agarrei-lhe no pescoço e torci-lho no mesmo instante. Depeniquei-o com a boca. Pena a pena sacudida pelos meus dentes predadores, e já completamente desnudo arranquei-lhe a cabeça com só uma mordedura felina. Provei a seiva daquela criatura da noite, e mastiguei vorazmente a sua carne dura, elástica e insípida. Ainda tossi uma ou duas penas que se me esgueiraram pela garganta. Depois peguei numa delas, a mais negra, erecta e pomposa de todas, mergulhei-a no coalho de sangue deramado pelo corvo, e numa folha de papel perdida no chão escrevi à viúva do corvo, pobre criatura monogâmica, dando-lhe as minhas condolências pela morte trágica do seu amado. Compreendia a sua dor, o seu luto inesperado, pois também eu o sofria na mesma medida, mas prometi-lhe que a morte do seu amor não tinha sido em vão, pois permitira alimentar a minha fome carnal, saciar a minha sede literária, e que a partir daí a alma daquela criatura esvoaçante estaria imortalizada no meu organismo estomacal e espiritual. Lancei depois a carta ao vento nórdico, que soprava pela janela entreaberta, na esperança que servisse de mensageiro até à destinatária...

A atmosfera do meu quarto era feita de partículas de gelo em estado gasoso, mas para desfrutar da harmonia do contraste, despi-me até à nudez me cobrir o corpo, e acendi a lareira para deixar que o sopro das labaredas me banhasse a pele, e incendiasse em mim a lasciva lembrança de te possuir ò musa do meu encantamento, fixação mágica do meu olhar interior. Tu que me abandonaste às portas da mendicidade da tua matéria etérea.

Lá fora, nos rios de pedra citadinos, a procissão das almas tementes fazia ressoar pelo hemisfério urbano salmos e cantigos natalícios, os quais me eno-

javam os ouvidos, e me arrepiavam o espírito de uma total imundice, que fez o meu corpo libertar substâncias gástricas para um balde, que servia de depósito às minhas exalações orgânicas. Enjoado com o odor nauseabundo do balde, despejei o seu conteúdo com urina, vômitos e outros dejectos, que ali se misturavam irremediavelmente, pela janela, para a rua, tendo a infeliz felicidade de atingir o cortejo religioso com o meu arremesso espesso e liquidificante.

Mas o meu presente, em noite de consoada, não caiu bem no seio do rebanho ambulante, e um cerco foi feito ao lugar onde me alojava, exigindo a minha cabeça. Pontapearam-me a porta, e irromperam pelo meu espaço, com a sua sede de vingança e de justiça, agredindo-me ainda antes de poder esboçar uma reacção. Ao verem-me nu, de pálpebras escuratejadas, com os lábios pintados de sangue, os restos de uma ave depenada no chão, e a lareira acesa, chamaram-me filho do Diabo e descarregaram ainda mais sobre mim a ira do seu Senhor. Disse-lhes que era órfão de nascença, e nunca havia conhecido o meu pai, mas isso só serviu para provar ainda mais a sua teoria teológica.

Levaram-me arrastado para a rua, para que outros crentes pudessem também satisfazer-se violentamente da minha carne, e sentenciar o meu destino em praça pública. Acorrentaram-me e ajoelharam-me de frente do seu líder, vestido com fina seda e ornamentado de ouro, que, com uma chibata pesada na mão, desenhava vergastadas na minha pele, enquanto entoava palavras e gritos numa língua estranha que eu não conseguia identificar, ao qual a audiência respondia, de forma uníssona; *"Amén, Amén, Amén"*... que foi a última palavra que eu ouvi antes de me apagar da existência, e finalmente te encontrar, ò Deusa do meu firmamento. Senti então o teu abraço a envolver-me o corpo frio, o teu beijo fatal a aquecer-me a alma, e vivemos felizes para sempre... até te entregares a outro, ou outro se entregar a ti, minha amada prostituta. •



O Inverno como Nigredo

..gmr..



Antes de mais, um aviso ao leitor e um pedido de empatia.

Não sou Adepto nem Filho da Viúva, mas nunca é com despudor que falo sobre a Arte Régia - tema sobre o qual me debruço há muitos anos.

Uma certa leveza pode intuir-se no discorrer das minhas palavras, mas nunca levandade. As verdades não se revelam só em seriedade, mas também na ausência desta.

Se a linguagem por vezes é ardilosa e complica em vez de simplificar, neste caso mais ainda, que as verdadeiras revelações são sempre para quem as sente e nunca para quem somente as vê. Respeito nisto os predicados dos filósofos e obscureço quanto baste o sentido real das palavras, que assim como assim, pouco são.

Pela minha declarada ignorância sobre determinadas coisas que só o Detentor da Verdadeira Luz consegue abarcar, o meu sincero pedido de desculpas, com a esperança que as minhas próprias palavras não coloquem ninguém num caminho de trevas e ignorância maior ainda que aquele que somos votados a trilhar durante a nossa vida.

Só desinteressadamente a Verdade se nos apresenta e, desinteressadamente partilho convosco estas minhas verdades menores que em nada subtraem à Única, na esperança de trazer alguma luz a este assunto maior.

Assim, lancemo-nos nesta reflexão, plena de alegorias e símbolos, de imagens e sentimentos. Quando as imagens dançam perante os nossos olhos, devemos sempre dançar com elas.

O Inverno como Nigredo

Quando as tardes frias mergulham na escuridão profunda da noite invernal, sentimos que a vida como que se suspende, pausa para se reorganizar.

O Inverno é a Grande Contracção, mistério sublimemente apresentado (ou representado) pelos nórdicos arcaicos com a sua runa Isa. Mais do que o Gelo Eterno, esta runa simboliza a corrente gelada que flui para o Ginnungagap, o Vazio Primordial (o Caos) e que representa a ausência de vibração.

Sem vibração, a Vida não é criada. No Vazio, o Caos é reordenado.

É no Solstício de Inverno que o Sol, glorioso, renasce. No coração da noite mais escura nasce a luz.

Todos estes símbolos são importantes e requerem atenção.

Para comungar da realidade da transcendência, na maioria das tradições iniciáticas, o Adepto deve morrer

para renascer como Neófito; e assim, repetindo em baixo o que se verifica em cima, as glórias se operam.

Isa, cuja forma é um segmento de recta, é uma ponte também.

Não me recordo porquê, confesso, dei por mim a ler transversalmente a Divina Comédia, do grande poeta italiano Dante Alighieri. O seu génio literário de figura maior encontra-se profundamente explorado, e por fontes bem mais competentes do que eu, para que me alongue aqui sobre o seu trabalho.

Usualmente existe mais para além do evidente e, neste caso, Dante declara-o frontalmente a quem o lê:

“Ó vós cujas ideias não se afastam

Das Leis da sã razão, vede os preceitos

Que destes versos sobre o véu se engastam” (Dante, Inferno, IX, 61-63)

A Divina Comédia é um poema alquímico. Alquímico porque descreve os passos, ou as etapas da Obra através da sua narrativa. E é uma excelente alegoria sobre o derradeiro objectivo do alquimista: a transcendência.

No Canto XXXIV, que detalha o nono círculo do Inferno, Lúcifer encontra-se rodeado de gelo, facto que não

será circunstancial arrisco eu e que, para mim, liga-se simbolicamente ao Grande Inverno da Vida.

“(…)Tanto era o vento, que eu busquei guarida,

Atrás do meu mestre, que outra não se of’rece

À parte era chegado, onde imergida Cada alma em gelo está (tremo escrevendo),

Bem como aresta no cristal contida. (…)” (Dante, Inferno, XXXIV, 8-12)

Ali, na desolação e no vazio, ou de outro modo, no campo da Potência, encontra o neófito Dante o Iniciador, aquele que revelara os segredos a Adão e Eva, recordando-os da sua origem divina. E o Iniciador revela-se a quem conhece os símbolos e os signos com as suas cores.

“(…)Três faces na estranhíssima figura!

Rubra cor na da frente está mostrando;

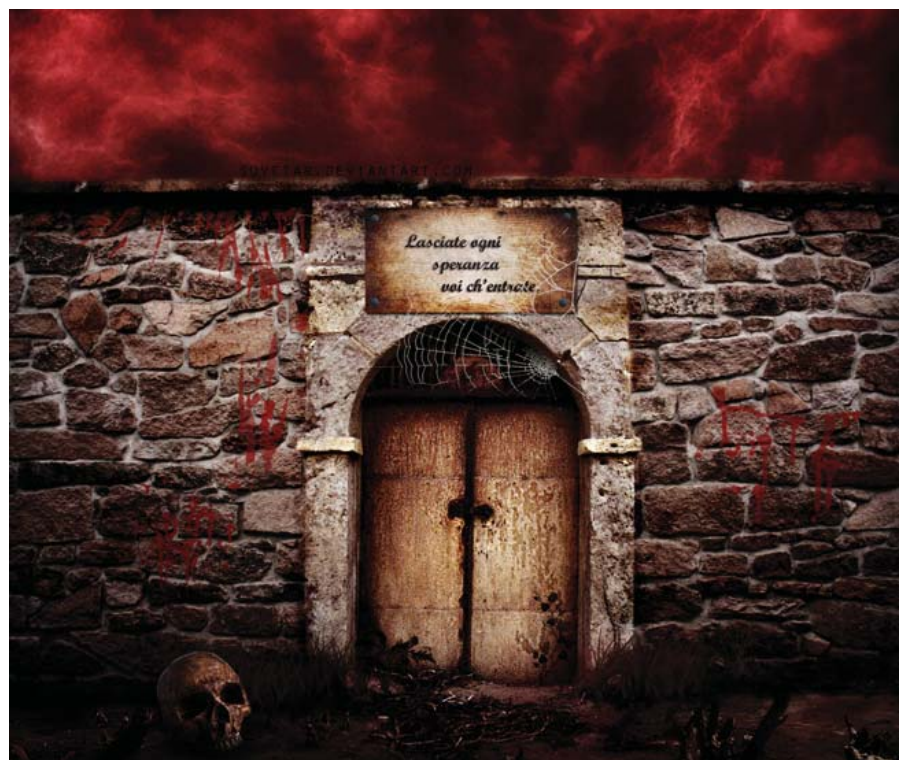
(...)Entre amarela e branca era a direita;

A cor a esquerda tem que enluta a gente

Do Nilo às margens a viver afeita.” (Dante, Inferno, XXXIV, 39-45)

Comenta Eliphas Levi no seu “Curso de Filosofia Oculta” que o 9 é o número do iniciado e neste Inverno das Almas, o adepto é então chegado ao nono círculo, o da Iniciação, que lhe permitirá a ascensão.

Nove é o número da runa Hagalaz,





a matriz ordenadora, a semente cósmica, a que é o Grande no Pequeno e a que contém o Todo. O grão de gelo.

Nove é o número do Eremita no Tarot, que tem Virgem como correspondência astrológica. O Eremita apela à introspecção, à solidão. Uma viagem interior a vários níveis.

Buscando a Verdade, através da meditação, da contemplação e do auto-exame, é possível para o adepto mergulhar nas profundezas de Si mesmo. Jungalaria de como o processo de individuação, trazido à vida pela dolorosa e crescente tomada de consciência do lado sombra de cada um de nós seria um Nigredo; um outro tipo de obscurecimento sem dúvida mas, ainda assim, o mesmo.

V.I.T.R.I.O.L.

Calcinando o ouro sobram as cinzas, Nigredo. O Eremita também é o desejo de abandonar a Matéria.

Fulcanelli ilumina-nos o caminho com esta pequena passagem

“(...) Assim, a catedral aparece-nos fundada na ciência alquímica, investigadora das transformações da substância original, da *Matéria* elementar (lat. *materea*, raiz *mater*=mãe). Porque a Virgem Mãe, despojada do seu véu simbólico, é a personificação da substância primitiva de que, para realizar os seus intuitos, o Princípio criador de tudo o que existe se serviu” (Fulcanelli, O Mistério das Catedrais)

e mais à frente:

“(...)Enfim, na *Ave Regina*, a Virgem é chamada propriamente *Raíz* (*Salve, radix*) para marcar que ela é o princípio e o começo de Tudo. «Salve, raiz, pela qual a Luz brilhou sobre o mundo».” (Fulcanelli, O Mistério das Catedrais)

Os padrões tornam-se evidentes para os despertos. E assim celebramos as Saturnalia, pois o grande Pai da Idade do Ouro preside às celebrações.

Estamos então no Inferno, onde toda a Matéria se contrai; estamos no nosso íntimo onde todos os terrores, anseios e desejos, paixões e aspirações nos recordam quão absolutamente mágicos somos - e materialistas também, claro. No decorrer da maior parte da nossa vida não nos recordamos que o Ouro não é de ouro.

Vejo Odin como o Eremita, sem bastão mas com uma lança. Durante 9 dias e 9 noites ele se dependurou no teixo Yggdrasill e assim, calcinando se purificou, e tornou-se digno dos Poderes Superiores.

O Nigredo é a purga de todas as impurezas em nós. A Matéria deve ser extirpada de tudo o que é supérfluo de modo a que se atinja o seu núcleo. Todas as camadas, todas as máscaras, todos os véus, todos os adornos.

Nigredo é também a viagem ao centro da terra, ao centro do receptáculo, ao centro de Si mesmo, que tem de ser realizada de modo a obter o poder necessário para a transformação/sublimação seguinte; a “prima matéria”. (Talvez por isso o Inverno se tenha tornado uma estação tão melancólica e na qual nos habituámos a depositar os nossos desejos de ano novo).

Esta estação de frio e morte que antecede o despertar para a vida, também ela um signo visível do fim dos ciclos, recorda-nos nesta realidade física que partilhámos como *folie à deux* colectiva, que tudo tem um fim, mas igualmente um potencial novo começo.

Os grandes segredos não são assim tão grandes; são apenas as chaves que nos permitem entender a simplicidade das coisas. Os símbolos estão em todo o lado e as repostas a seu lado. Não parecemos ter a capacidade de os ver, sentir ou compreender porque nos encontramos enredados numa fabulosa teia de ilusão que vamos construindo para nós próprios, acumulando o “real” em quantidades titânicas. O “real” não é assim tão real. Ter não nos faz Pertencer.

E é essa frustração, parece-me a mim, que nos faz perder umas tantas cabeças de gado que fica tresmalhado, ou perdido, ou enredado algures num silvado esquecido nas profundezas de um bosque.

Parece-me a mim igualmente que a única maneira de Pertencer é Reunir, e isso, os sábios o diriam, obtem-se harmonizando a Lua e o Sol.

Solve et Coagula e a obra prossegue; Solve et Coagula, sempre e sem parar.

“Aquilo a partir do qual algo foi feito de modo natural, é a mesma coisa que deve regressar a um estado de dissolução, à sua própria natureza. Tudo deve ser dissolvido e reduzido à forma da qual foi gerado”. (Anton Joseph Kirchweger)

Conseguimos reconhecer o valor do Chumbo primordial se o segurarmos nas nossas mãos? Cinicamente, respondido por todos: “Mas não é o Ouro que buscamos?”

Não é o Chumbo o mesmo que o Ouro mas ainda por realizar? No fundo, todos os metais anseiam por ser Ouro e para isso tendem naturalmente.

“Saturno, que é o maior dos nossos planetas, é o menos útil no nosso Magistério. No entanto, é uma Chave fundamental para toda a Arte, ainda que colocada na mais baixa e malvada posição” (Basilius Valentinus, *Nona Chave, Duodecim Claves philosophicae*)

Quando vejo tantas correspondências simbólicas reflecto que ou estou louco e desprovido da sã razão, ou que então tudo tem um sentido que me escapa na sua maioria. Talvez seja um pouco de ambas.

No entanto sinto, ou melhor, sei que existe ali fora (ou aqui dentro, não interessa) uma realidade diferente, onde a Verdade é Una como só pode a Verdade ser e onde as palavras não têm assim tanto valor e menor valor ainda terão os finos metais que brotam das profundezas.

Sei que, algures no tempo, não só comungámos todos dessa Realidade como a partilhámos, pois somos agora aquilo que sempre fomos e nada mais: Enxofre, Mercúrio e Sal.

Por diversos motivos que desconheço, e que duvido que alguma vez venha a conhecer, temos sido reorganizados, mercê das nossas próprias operações alquímicas internas mas também certamente sob a influência dos astros regentes e agora, a amálgama é de tal ordem que é necessário uma Operação Maior para recuperarmos a nossa “prima matéria” ou a centelha divina, como lhe preferirem chamar.

O Inferno é real afinal. E estamos a “viver” nele.

Recordando-me da doutrina dos Quatro Ciclos da Humanidade, tão presente em tantas culturas, compreendo claramente como temos vivido em Nigredo e como a Matéria tem sido parcimoniosamente agregada, camada sobre camada, com vista a preparar o que já veio, há de vir e virá sempre. O regresso do Rei, o regresso do Sol, a Primavera que se avizinha com o término dos ciclos.

Penoso trabalho de laboratório que só acaba para recomeçar. Suspeito que Deus afinal não seja estritamente Arquitecto mas talvez antes Alquimista.

Suspeito igualmente que as conjecturas dos cátaros sejam reais. A Matéria é de Satanás e o Espírito de Deus. Então sendo nós uma tanta parte de matéria, corrompidos estamos e é necessária a penetração das influências celestes para que a semente se revele. A foice de Saturno, ou a lança de Odin.

“De toda a força, esta é a verdadeira força, porque conquista tudo o que



é subtil, e penetra tudo o que é sólido”
(Tableta Esmeralda)

Os sonâmbulos adormeceram e os despertados acordam num sonho. Não há nascimentos sem sangue. Hecatombes gloriosas, as de nós próprios, que honram os ritos arcanos.

O Diabo, a carta XV do Tarot, representa o materialismo, a ignorância, a lascívia, o egoísmo, a futilidade e as demais paixões. O pentagrama invertido que nele figura, é descrito por Eliphas Levi nos seguintes termos:

“Um pentagrama invertido, com dois vértices a apontar para cima, é um símbolo do mal e atrai forças sinistras porque inverte a ordem das coisas e um triunfo da matéria sobre o espírito” (Eliphas Levi, Dogma e Ritual da Alta Magia).

O triunfo do espírito sobre a matéria é então o objectivo ideal. O Diabo só pode ser encarado com um sentido de profunda humildade que deriva de reconhecermos as nossas imperfeições, de

outro modo, cairemos no nosso orgulho e perdermo-nos-emos.

Ainda com a perspectiva cátera bem presente, penso que estando o espírito em luta com a matéria, que é natural que o Diabo nos sussurre tentações e promessas vãs - como fez com o Cristo no deserto - que nos aprisionem um pouco mais neste invólucro, que no fundo no fundo, é ele também um athanor.

O modo da harmonização necessária para progredir, a luz que nos guiará nas trevas é representada pela candeia do Eremita, uma estrela de seis pontas: um selo de Salomão, ou uma estrela de David diriam alguns com um pouco menos de razão.

O fogo é o triângulo que aponta para cima, o da água o que aponta para baixo. Combinando ambos, obtemos dois novos triângulos intersectados: um que representa a terra e outro que representa o ar. Este selo mostra-nos o mistério da transmutação, de tudo o que é unificado em equilíbrio. Este selo mostra-nos o objectivo e o método.

O aparecimento de um Eremita em

nós, com a sua candeia de dois triângulos combinados é um sinal de que a senda vai por bom caminho.

O Albedo é, na tradição Hermética, anunciado pelo aparecimento de uma estrela

“Virgílio e eu, logo após, nos elevamos,

‘Té que do ledó céu as cousas belas
Por circular aberta divisamos:

Saindo a ver tornamos as estrelas.
(Dante, Inferno Canto XXXIV, 136-139)

V.I.T.R.I.O.L. - Visita o Centro da Terra e, Rectificando-te, encontrarás a Pedra Oculta.

Após ver e sem saber, continuamos na matéria indiferenciada; os que sabem tentam mudar; os que conhecem transmutam. •



Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011